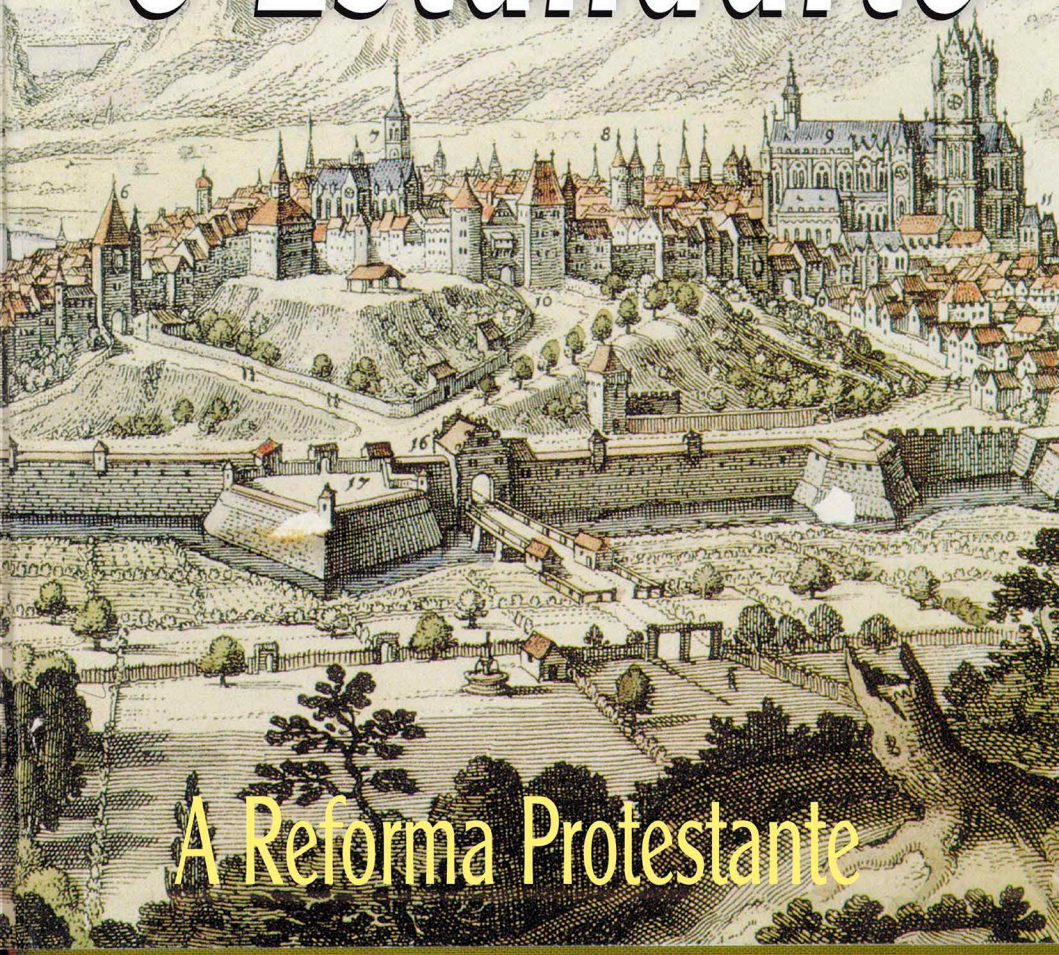


AS LVX 5

Genff

Caderno de O Estandarte



A Reforma Protestante

O Estandarte no coração da igreja

Rev. Gerson Correia de Lacerda

Neste ano de 2001, foram implantadas algumas alterações na forma de assinatura e distribuição do órgão oficial da IPI do Brasil.

Todas as assinaturas foram feitas ou renovadas durante o mês de julho. A distribuição dos jornais voltou a ser realizada pelos agentes nas nossas várias congregações locais.

Essas duas medidas já começaram a surtir os seus efeitos.

Muitos assinantes, que se esqueciam de renovar suas assinaturas, lembraram-se de fazê-lo.

Muitos agentes, que se sentiam sem função, estão realizando um intenso e admirável trabalho de divulgação de **O Estandarte**.

Graças a isso, conseguimos atingir o número de quase 3.000 assinaturas efetivamente pagas.

Foi com os recursos obtidos através de tais assinaturas, somados aos valores conseguidos através da propaganda nas páginas do jornal, que pudemos custear as despesas com a edição do presente **Caderno de O Estandarte**.

Ao ofertá-lo a todos os nossos assinantes, desejamos que, cada vez mais, **O Estandarte esteja no coração da igreja**.

O Rev. Gerson é o editor e revisor de O Estandarte

Índice

	Apresentação	3
1	João Calvino, uma grande vida numa breve existência	5
2	Calvino e Lutero	9
3	Calvino e a Justificação pela Fé	15
4	Calvino, o Culto e a Liturgia	19
5	Calvino e o Sacramento da Eucaristia	23
6	Calvino e o Sacramento do Batismo	29
7	Calvino e a Música	38
8	Calvino e as Sagradas Escrituras	45
9	Calvino, o Teólogo do Espírito Santo	50
10	Calvino e a Igreja	56
11	Calvino e o Estado	63

Apresentação

Rev. Eduardo Galasso Faria

Com este **Caderno de O Estandarte** estamos retomando, na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, uma salutar prática de publicações especiais, que tem como objetivo a veiculação de informações e reflexão em torno da vida da igreja e de sua história. Ao fazer notórias edições sobre datas significativas e festivas, **O Estandarte** favorecia o amor da igreja pelas suas coisas, bem como a reflexão sobre os eventos mais significativos que mereciam a atenção por parte de seus membros. Sem dúvida, uma prática exemplar.

Temos em mãos uma coleção dessas edições especiais.

A primeira, de março de 1923, foi dedicada à memória do Rev. Eduardo Carlos Pereira e saiu logo após o seu falecimento, ocorrido no dia 2 daquele mês.

Em 1953, dois números especiais foram dedicados ao jubileu de ouro da IPI do Brasil.

Em 1954, o Caderno foi dedicado ao quarto centenário da cidade de São Paulo e, em 1955, ao cinquentenário da Faculdade de Teologia.

Em 1958, estive voltado para o VI Congresso Nacional do Umpismo.

Em 1956, o grande batalhador de **O Estandarte**, Presbítero Benjamin Themudo Lessa, preparou dois Cadernos, com muita ilustração, em ótimo papel, com “textos de alto teor intelectual e que visavam cumprir sua missão orientadora, trazendo uma mensagem de fé e de confiança no futuro”, no seu dizer.

Como tantos outros, o de 1973 refletiu sobre o aniversário da IPI do Brasil (70 anos).

A Assessoria de Imprensa e Comunicação, que edita o nosso jornal, planejou retomar esse salutar empreendimento dos nossos irmãos responsáveis por **O Estandarte** em anos passados e, assim, em um novo tempo, continuar a caminhada.

Em nossos Cadernos estarão registrados, de modo especial, os principais acontecimentos na vida da igreja. Haverá, também a preocupação em refletir sobre o que ocorre no mundo teológico, do qual fazemos parte.

O primeiro número desta nova fase, fartamente ilustrado, lembra o nosso grande momento como parte da Igreja de Jesus Cristo – a reforma calvinista do século XVI. Nele procura-se fixar algumas questões básicas de um movimento religioso que, pela ação do Espírito Santo, fez a igreja, em um novo tempo, atualizar a mensagem do evangelho a partir de suas origens no Novo Testamento.

Para escrever os textos, demos preferência aos pastores da IPI do Brasil.

Nosso plano é prosseguir.

Por ocasião da Páscoa, no próximo ano, pretendemos ter uma edição enfatizando temas teológicos, com abordagens atualizadas e que estarão, preferencialmente, aos cuidados dos professores dos nossos seminários.

Em julho, estaremos preocupados com a história da IPI do Brasil, pesquisada pelos seus historiadores.

Com isso alcançaremos parte de um alvo que a igreja deve sempre ter diante de si: refletir sobre si mesma com vistas à sua missão como serva do Senhor Jesus, buscando o alvo primordial que foi o da Reforma do Século XVI: ***Uma igreja reformada, sempre se reformando.***

Que Deus nos conduza!

O Rev. Eduardo integra a Assessoria de Imprensa e Comunicação da IPI do Brasil e é professor do Seminário Teológico de São Paulo

João Calvino, uma grande vida numa breve existência

Rev. Onofre de Oliveira

1509 - Em 10 de julho, nasce João Calvino, na cidade de Noyon, na região da Picardia, na França. Filho de Gerard Cauvin e Jeanne Lefranc. Seu pai trabalhava com o arcebispo da cidade.

1521 - Aos doze anos, é nomeado capelão da capela de La Gesine pelo bispo, que lhe aplica a tonsura, tornando-se assim, através desse ato simbólico, membro do clero.

1523 - Em Paris, estuda no Colégio de La Marche. Aprende a escrever e a pensar em latim com o erudito professor Marthurin Cordier.

1526 - Ingressa no Colégio Montaigu para estudar gramática, filosofia e teologia, com o objetivo de se preparar para a carreira eclesiástica. Ali passa por sua primeira experiência religiosa.

1528 – Seguindo os desejos do pai, deixa os estudos de teologia e vai para a cidade de Orléans, a fim de se dedicar à jurisprudência.

1530 – Continua o estudo de leis em Bourges, aprendendo também o grego. Em 1532, obtém o título de licenciado em Leis.

1532 – No Colégio Fortet, em Paris, aperfeiçoa seu estudo de grego e também o hebraico. Publica seu primeiro livro, “Comentário ao Tratado de Sêneca sobre a Clemência”, o qual foi escrito com erudição e profundo senso dos valores morais.

1533 – Por uma profunda experiência religiosa, chega a uma “súbita conversão” em sua vida. Pouco se sabe desse acontecimento a não ser que, segundo consta, “Deus falou com ele através das Escrituras e sua vontade devia ser obedecida”. Entra em contato com os grupos reformistas de Paris. Nesse ano, o reitor da Universidade, o médico Nicolas Cop, pronuncia um discurso tão “luterano” que é obrigado a fugir da cidade. Para alguns, Calvino foi o inspirador des-

se discurso e, para outros, o próprio autor.

1534 – Renúncia aos benefícios que até então recebia como capelão na Igreja Católica. Escreve seu primeiro tratado teológico, “Psychopannychia”, um estudo sobre a imortalidade da alma. Começa a preparar sua obra mais famosa, “A Instituição da Religião Cristã”, também conhecida como “As Institutas”. Por causa de alguns cartazes contra a missa católica espalhados pela cidade, o rei Francisco I persegue os adeptos do movimento reformador e Calvino parte para o exílio, que marcará o seu destino.

1535 – Em Basiléia, publica o prefácio à tradução do Novo Testamento, feita pelo seu primo Roberto Olivétan. Seu título é: “Epístola da Todos os que Amam a Jesus Cristo”, primeiro texto impresso de Calvino em francês. Nesse mesmo ano, Calvino termina sua “Carta ao Rei Francisco I”, que serviria de prefácio para As Institutas, a qual é considerada uma das principais obras literárias do tempo da Reforma.

1536 – É publicada em Basiléia a primeira edição em latim da Instituição da Religião Cristã, com seis capítulos. Em viagem para Estrasburgo, Calvino se detém em Genebra, onde é convencido pelo reformador Guilherme Farel a permanecer naquela cidade, a fim de dar aulas de teologia na catedral de São Pedro.

1537 – Calvino e Farel apresentam ao Conselho Administrativo de Genebra uma Confissão de Fé, tratado em que constavam os objetivos dos reformadores para Genebra e que deveria ser assinado pelos cidadãos genebrinos.

1538 – Ante a recusa da população em assinar e também por outros problemas políticos, o Conselho decide expulsar os reformadores da cidade. Calvino vai para Estrasburgo, onde é acolhido pelo também reformador Martinho Bucer e passa a cuidar de uma igreja de refugiados franceses. Participa de encontros teológicos na Alemanha e prepara um pequeno hinário para o culto.

1539 – Nova edição de sua obra As Institutas, agora com 17 capítulos. Publicação do “Comentário à Epístola aos Romanos”.

1540 – Em Estrasburgo, Calvino se casa com Idelette van Buren, em cerimônia realizada pelo amigo Guilherme Farel. Nesse ano, o Conselho de Genebra convida a Calvino para voltar, mas ele se nega.

1541 – Com a insistência do Conselho da cidade de Genebra,

João Wyclif (1324 a 1384) – Um dos precursores da Reforma Protestante do Século XVI. Atuando na Inglaterra, questionou a autoridade da hierarquia eclesiástica e a doutrina a respeito da Eucaristia da Igreja Católica Apostólica Romana.



revogando a expulsão de 1538, Calvino retorna em setembro como ministro da Palavra, doutor e pastor. Publicação da obra *As Institutas* em francês.

1542 – O Conselho da cidade de Genebra aprova as “Ordenanças Eclesiásticas”. Com elas são estabelecidos quatro ofícios na igreja: pastor, mestre ou doutor, presbítero e diácono.

1553 – Miguel Serveto é processado e morto na fogueira por não aceitar as doutrinas da Trindade e da divindade de Jesus Cristo. Em 1903, no mesmo lugar, em Genebra, foi erguido um monumento a Serveto, em que os reformados lamentavam o ocorrido.

1559 – Publicada a última edição da *Instituição da Religião Cristã* (*As Institutas*), agora dividida em 4 livros, com oitenta capítulos. Nesse ano também, sob inspiração de Calvino, é organizado o primeiro Sínodo Nacional, com onze igrejas. Inauguração da Academia de Genebra, sendo reitor Teodoro Beza. Grande sonho de Calvino, ela serviria para a formação de pastores e líderes. Academia de alto nível, também foi útil à igreja e à sociedade.

1564 – Em fevereiro, na Academia, Calvino faz sua última conferência e, na catedral de São Pedro, seu último sermão.

Erasmus de Roterdã (1469 a 1536) – Considerado o Príncipe dos Humanistas. Era um amigo da sabedoria antiga e do saber moderno. Nunca deixou de ser católico, mas defendeu a tolerância em relação aos reformados.



1564 – Calvino morre no dia 27 de maio, com 55 anos incompletos.

Durante sua curta existência, João Calvino teve críticos, que abraçaram suas idéias, e opositores, que procuraram, muitas vezes com falsidades, denegrir sua pessoa. Vale a pena, no entanto, registrar as palavras do famoso historiador Guizot: *“Ardente na fé, puro nos motivos, austero na vida e poderoso nas obras, Calvino é um daqueles que merecem grande fama.”*

“Mais de quatro séculos nos separam de Calvino, mas impossível é examinar seu caráter e sua história sem que se experimente, quando não seja afeto e simpatia, ao menos um profundo respeito e admiração para com um dos grandes reformadores da Europa e um dos grandes cristãos da França” (Rev. Vicente Themudo Lessa, na obra *“Calvino, sua Vida e sua Obra”*).

O Rev. Onofre é pastor da IPI de Artur Alvin, em São Paulo, SP

Calvino e Lutero

Rev. Márcio Pereira de Souza

É inegável, em todos os aspectos, que a Reforma Protestante ocorrida no século XVI foi um marco divisor nas águas da história universal, embora seu impacto inicial tenha sido sentido somente no Ocidente.

Os acontecimentos do século XVI, cujas sementes podem ser encontradas em séculos anteriores, abalaram as estruturas da unidade religiosa e cultural na Europa, trazendo consigo um sem número de guerras e lutas religiosas,

Tais eventos apontam para duas direções: de um lado, o enfraquecimento da Igreja Católica e, de outro, a concretização de uma nova experiência religiosa que levava em conta princípios como a liberdade de expressão, a liberdade de culto e, ainda, a soberania nacional.

A historiografia clássica aponta a repulsa aos abusos da igreja e às desordens do clero como sendo a causa principal da Reforma Protestante.

Mais recentemente, uma tese oposta tem ganhado espaço, indicando que o problema estava não tanto no campo da moral, mas no campo das relações políticas.

A Igreja Católica impedia o pleno desenvolvimento dos emergentes estados nacionais.

Não é possível fazer uma análise desses acontecimentos abrindo mão de qualquer uma das interpretações acima, visto que não são excludentes.

Se a isto tudo for acrescentado ainda o quadro da incerteza teológica reinante na Europa do século XVI, fica mais fácil compreender porque as propostas de um monge agostiniano e de um jurista francês foram assimiladas com tamanho entusiasmo.

Deixando de lado, por enquanto, as duas interpretações referidas

acima, sem contudo desconsiderá-las, pretendo, nestas linhas, caminhar pelo campo da contribuição teológica de Lutero e Calvino para a religiosidade da época, indicando a semelhança no pensamento destes dois reformadores.

Tanto Lutero como Calvino primaram por demonstrar seus princípios bíblicos a partir de uma nova forma de interpretar as Escrituras, que prescindia da tradição e da hierarquia da Igreja Católica. Esta possibilidade modificou profundamente o mundo cristão, trazendo repercussões culturais, sociais e políticas.

Antes de abordar a contribuição de Lutero e Calvino, podemos dar uma passada d'olhos na religiosidade percebida na Europa, que ainda se espantava com as descobertas da Idade Moderna.

É possível dizer que, embora o desenvolvimento científico caminhasse a passos largos e os estudos antropológicos também estivessem em marcha acelerada, a mentalidade ainda respondia aos estímulos de toda uma era de investimentos em técnicas de punição, castigo e repressão.

Já havia uma postura crítica em relação à igreja em alguns círculos, mas a religiosidade popular ainda permanecia na sua piedade sincera, profundamente marcada pelo misticismo. Tal foi também a trajetória de Lutero.

Seu "habitat" religioso não é de fácil reconstrução, ainda que muito se tenha de informações sobre o ambiente espiritual de sua infância. Este ambiente era compatível com a cultura e tradições de sua época, levando-nos a deduzir sobre uma educação exacerbadamente severa como base de toda a sua formação.

Debutando aos dezoito anos na Universidade de Erfurt, os reflexos dessa educação rígida lhe renderam a alcunha de "o filósofo". Quando, mais tarde, Lutero se referiu a esta fase de sua vida, disse desta universidade: *"transformou-se num prostíbulo e numa cervejaria"*.

Na sua juventude, Lutero encontrava-se dividido entre dedicar-se aos amigos e às festas (Lutero tocava alaúde) ou embrenhar-se nos estudos que poriam fim às suas dúvidas intermináveis.

Se foi um aluno brilhante, o foi também inquieto. O ano de 1505, quando iniciou seu doutorado em filosofia, coincidiu com a explosão de sua insegurança interior. Não encontrando resposta para essas crises, passou a viver atormentado pela sua idéia de "pecado".

O contexto da formação de João Calvino não foi muito diferente do de Lutero.

Apesar da condição social mais abastada, o desejo paterno era entregá-lo à vida clerical, ao que Calvino resistiu, indo cursar Artes e Direito, até tomar contato com as doutrinas reformadas apregoadas pelo reitor da Universidade de Sorbonne.

O alvoroço, a perseguição e a fuga daquele lugar provocaram em Calvino o desejo de se comprometer publicamente com a Reforma. Como ele mesmo registrou no Prefácio ao Comentário de Salmos, em 1557, estava convencido de que *“Deus o levava a abandonar as superstições do papado e a abraçar, de modo repentino e inesperado, a verdadeira piedade”*.

A somatória dos esforços destes dois reformadores conferiu à Reforma Protestante um alcance avassalador nos primeiros anos.

Lutero partiu de sua experiência subjetiva, individual, ao passo que Calvino deu à Reforma uma abertura universal, talvez devido à sua condição de imigrante francês, atuando numa Genebra amplamente favorável aos ventos do humanismo bíblico.

A passagem de Calvino por Genebra, onde o catolicismo estava decadente, deu novo impulso ao trabalho reformador de Guilherme Farel que, desde 1532, já anunciava as teses luteranas e reunia contra si a ira do Conselho da cidade. Em 1536, já se pode dizer que Genebra era protestante.

A aproximação entre o pensamento dos reformadores pode ser feita sem muita dificuldade a partir do tema da justificação pela graça mediante a fé. Todos os reformadores estavam de acordo que o ser humano pecador é justificado somente pela mediação da graça de Deus, concedida pela fé em Jesus Cristo.

A idéia de favor não merecido está aí presente, pois isto é um ato da vontade soberana de Deus.

Os reformadores valeram-se do texto de Efésios 2.8-9. De acordo com ele, não há espaço para a pretensão humana de auto-suficiência para garantir a justificação.

A teologia reformada aponta para a importância do papel de Jesus Cristo como revelação de Deus. É através dele que se revela a natureza imutável de Deus, seu amor e sua misericórdia para com todos os seres humanos. Desta experiência com Cristo nascem a fé e a certeza

do perdão.

Lutero entendia que, apesar de santo, Deus também é amor e concentra suas ações em favor da sua criatura.

O que Lutero define como fé não chega a ser uma conceituação, mas o relato de sua experiência e de seu verdadeiro encontro com o próprio Deus.

Calvino, por outro lado, deteve-se mais demoradamente na explanação deste conceito.

Em sua mais importante obra, *A Instituição da Religião Cristã* (ou *Institutas*), Calvino definiu a fé da seguinte maneira: *“é o reconhecimento total e inabalável da bondade de Deus para conosco, bondade esta fundamentada na promessa gratuita de Jesus Cristo e revelada ao nosso entendimento, bem como gravada em nosso coração, pelo Espírito Santo”*.

A partir desta aproximação teológica, resta-nos identificar a centralidade das Escrituras e sua eficácia como autoridade suprema, em detrimento a todo e qualquer arranjo eclesialístico.

A interpretação livre, mediada apenas pela inspiração divina, tirou o grande trunfo de que dispunha a igreja oficial para o controle da vida dos fiéis. Submeter-se ao senhorio de Cristo é submeter-se também à Palavra revelada, e isto esteve no centro das discussões, sendo, sem sombra de dúvida, um dos aspectos mais determinantes para que os caminhos se separassem. A igreja oficial ficou com a interpretação da tradição; os reformadores optaram pela liberdade do Espírito.

Uma reflexão atualizada em torno da Reforma e dos reformadores deve levar em conta seus aspectos políticos, uma vez que, em grande medida, ainda vivemos sob os reflexos desses acontecimentos.

O questionamento que os reformadores fizeram ao sistema imperiálico católico e a adoção das premissas reformadas pelos Estados nascentes fizeram com que a Reforma passasse a ser considerada como um dos elementos desencadeadores de movimentos como o racionalismo e iluminismo. Fazem parte também desse processo os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, defendidos pela Revolução Francesa (ainda que a guilhotina também faça parte dessa trama). Todos esses movimentos foram capitaneados pela classe social em ascensão, a burguesia.

A pregação reformada foi, sem dúvida, uma das principais alavan-



Jacques Lefèvre D'Étaples (1455 a 1536) - Humanista do século XVI, defendia uma nova concepção da exegese bíblica. Passou por uma espécie de conversão intelectual sob as Escrituras Sagradas, que ele comentou e traduziu para o francês.

cas das monarquias absolutistas, que estavam em emergência na Europa, sobretudo ao tratar a relação igreja e Estado.

Definindo a igreja como uma “congregação de fiéis” apenas, sem o exercício do poder, a Reforma, automaticamente, fortaleceu as bases dos reis e magistrados. Também ao discorrer sobre os investidos de poder civil, outorgando a estes a condição de instrumentos da providência, sobrou-lhe uma pedra no calcanhar, ao se deparar com a responsabilidade de ter de legitimar inclusive um governo tirano.

A maturidade reformada em relação à política pode ser percebida após 1530. Lutero e Melanchton alteraram seu ponto de vista, sustentando que é legítimo opor-se às autoridades que se enveredem pelo caminho da tirania. A esse desvio de foco, que pode ser tratado como subversão reformada, correspondeu também a ação do movimento calvinista, quando este se tornou mais radical.

Entendida essa radicalidade calvinista como sendo a estratégia natural de seu tempo, resta-nos alinhar ainda algumas contribuições do calvinismo ao mundo reformado.



Martinho Lutero (1483 a 1536) – Desencadeou o movimento da Reforma Protestante do Século XVI, ao divulgar 95 teses contra a venda de indulgências, no dia 31 de outubro de 1517.

Refiro-me às inovações no campo da educação. A Academia de Genebra se transformou num verdadeiro centro universitário,

inspirando os modelos atuais.

No campo da política e diplomacia, Genebra foi o centro para onde se dirigiam todos os reformados que eram perseguidos. O modelo de administração adotado por Calvino privilegiou a democracia e valorizou o princípio da representatividade no governo, tanto do Estado como da igreja, tendo como objetivo principal o bem comum, devendo estar a serviço do cristianismo.

E, por último, mas não menos importante, as sucessivas edições das Institutas da Religião Cristã, que representam todo o esforço de se apresentar de forma clara os fundamentos da teologia protestante.

Lutero e Calvino foram duas vidas que, embora por caminhos diferentes, chegaram ao mesmo destino: somente a graça, somente a fé e somente as Escrituras podem levar o ser humano a Deus.

O Rev. Márcio é pastor da IPI de Casa Verde, em São Paulo, SP, e professor do Seminário Teológico de São Paulo da IPI do Brasil

Calvino e a Justificação pela Fé

Rev. José Xavier de Freitas

Um dos grandes temas da Reforma Protestante do Século XVI é, sem dúvida alguma, a justificação pela fé. Tal tema teve em Calvino o seu mais completo expositor e sistematizador.

Calvino foi um grande conhecedor de leis, pois havia feito o curso de direito, uma vez que seu pai queria que ele fosse advogado. Dotado, desse modo, de conhecimento forense, Calvino estruturou a sua obra mestra, **“A Instituição da Religião Cristã”**, que teve sua primeira publicação em 1536 e foi totalmente concluída em 1559, depois de várias emendas. Essa obra foi fruto de sua brilhante visão teológica e de seu preparo jurídico.

No tema justificação pela fé, Calvino esclarece que justificar é absolver de culpa aquele que era considerado culpado, como se provada fosse a sua inocência. Dessa maneira, quando Deus nos justifica pela intercessão de Cristo, absolve-nos não pela prova de justiça própria, mas pela imputação de justiça, de sorte que somos tidos por justos em Cristo, pois, por nós mesmos, não o somos, porque merecemos o castigo eterno.

Sem a iniciativa de Deus não haveria vida cristã, pois o ser humano estaria ainda sob o domínio do pecado. Mas Deus teve pena de suas criaturas infelizes, tratando-as, não segundo a sua justiça, mas segundo a sua misericórdia.

A condição para que o ser humano seja justificado é a fé, que é dom de Deus em sua origem, a qual é consolidada pela ação soberana do Espírito Santo. Dessa maneira, tomamos conhecimento da vontade de Deus para conosco, fato este que se constitui em tese fundamental da fé cristã.

Calvino teve o cuidado de alertar ao cristão para que não se acomodasse na graça, a fim de não ser acusado por adversários desta

doutrina de desinteressar-se pela santificação, dando a entender que, negando a salvação pelas obras, estava ensinando a salvação sem as obras. Para ele, a verdadeira santidade de vida não é em absoluto separada da imputação gratuita da justificação, pois, mesmo tendo sido declarados justos sem as boas obras, não podemos deixar de praticá-las.

O cuidado dos reformadores, especialmente Calvino, em deixar claro este ponto aconteceu porque a Igreja Católica Apostólica Romana havia distorcido o conceito de salvação, ao pregar que a justificação se processava por intermédio das boas obras de cada fiel.

Calvino esclareceu aquilo que os reformadores já haviam defendido, isto é, as boas obras não fornecem a base para a salvação, mas são evidências e resultados de uma salvação que procede da infinita misericórdia de Deus para com o ser humano pecador, que Ele arranca do lamaçal do pecado. Assim, segundo Calvino, não deixa de ser tido como cristão aquele que não tem ainda atingido a perfeição, desde que se esforce por alcançá-la. Diz ele: *“Nenhum de nós é tão forte e voluntarioso que avance nessa jornada com celeridade satisfatória... Cada um caminha de acordo com as suas limitadas forças... Mas ninguém será tão lerdo que não avance, ainda que pouco, diariamente. Diligenciemos para que não percamos a coragem, quando não avançamos muito. Por menos que o nosso progresso corresponda ao nosso intento, o esforço nunca será inútil, quando o hoje for melhor do que o ontem... Esforcemo-nos sempre por sermos melhores do que somos, até atingirmos a suprema bondade, alvo permanente de nossa busca durante toda a nossa vida, a qual nos será concedida, afinal, quando Deus nos receber em sua companhia”.*

Ao lançar mão desse conceito que Lutero já havia desenvolvido em uma de suas noventa e cinco teses, Calvino estava esclarecendo que a restauração do ser humano não se completa em um determinado instante, dia ou ano, mas, sim, na sucessão contínua do tempo, gradualmente. Assim, a regeneração é progressiva e sob a ação do Espírito Santo. Este faz com que o ser humano, a cada dia, sinta o seu pecado e perceba o quanto este o afasta de Deus. Em decorrência disso, o ser humano arrepende-se e busca comunhão com Deus, procurando ser obediente à sua vontade soberana.

A certeza da boa vontade de Deus para conosco não se funda-

menta numa justiça já efetiva, mesmo que esta seja criada por Deus, mas unicamente em sua misericórdia. Dessa maneira, Calvino ressaltou o alto valor dessa doutrina, já que somente ela preserva a glória de Deus e concede paz ao coração humano. Ele afirmou: *“A justiça de Deus não é suficientemente manifesta, até que Ele seja reconhecido justo e doador da sua justiça aos que não merecem... pois que, quando o homem glorifica-se, justificando-se a si mesmo, violenta a glória de Deus.”*

Calvino acrescentou que não se pode repartir a honra das boas obras entre Deus e o ser humano. Devemos reservá-la toda para Deus. Cabe ao ser humano reconhecer a sua pequenez e incapacidade para realizar a obra de Deus. Devemos lembrar aqui o exemplo do publicano que foi perdoado em virtude da confissão dos seus pecados ou por causa do reconhecimento da sua própria iniquidade. Quando isso acontece, entra em ação a misericórdia de Deus que, de início, recebe o pecador movido pela sua bondade pura e gratuita. Resolvido a ajudá-lo, Deus desperta no pecador o reconhecimento de sua bondade, a fim de que, convencendo-se da falência



Útrico Zwínglio (1484 a 1531) – Reformador da cidade de Zurique, foi profundamente influenciado pelo humanismo. Tomou a Bíblia como base e fundamento para o movimento de reforma da igreja.

de suas próprias forças, confie toda sua salvação na misericórdia manifestada por Deus.

Ressaltamos que Calvino apropriou-se de posições teológicas de outros reformadores, tanto os que o precederam como também outros que lhe eram contemporâneos. Trocou correspondência com alguns deles e, assim, formulou esse precioso conceito de justificação pela fé. Nisto acrescentou conceitos novos para temas já defendidos e combateu posições sobre o mesmo assunto que julgou errôneas.

Fica, portanto, a partir dos reformadores e, principalmente, de Calvino, através da doutrina da justificação pela fé, a clareza de temas teológicos e bíblicos, pois todos recorreram ao apóstolo Paulo e sistematizaram o processo de redenção do ser humano.

Calvino deixou claro que, por sua natureza pecaminosa, o ser humano afastou-se de Deus, que não pode aceitar o pecado. No pecado, o ser humano não pode privar da glória de Deus, “pois todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23). Mas Deus providenciou Cristo para que, através dele, o ser humano possa ser aceito, mediante a fé. Pelo ato de crer em Cristo, o ser humano é tido por justo e, assim, retoma o seu caminho de volta para Deus, com a indispensável ação do Espírito Santo.

De posse do dom da salvação, o ser humano verdadeiramente cristão passa a detestar o pecado; arrepende-se, quando se vê pecando; busca o perdão de Deus e procura viver de conformidade com a vontade de Deus. Em outras palavras, procura praticar boas obras não para obter salvação, mas em gratidão e obediência à Palavra de Deus, por se reconhecer como súdito do Reino dos Céus, que foi implantado por Jesus aqui na terra e confiado a seus fiéis seguidores. O cristão, pois, reconhece a graça de Deus em sua vida, dando-lhe o privilégio de agir para a glória de Deus que o redimiou para o seu louvor

Assim, aquele que é salvo pela fé canaliza todas as suas ações para glória de Deus. Não se acomoda, mas, com resistência, luta e muita disposição, faz do seu agir um gesto contínuo de exaltação ao nome de Deus aqui na terra. Para isto o cristão foi escolhido: para a glória de Deus.

Portanto, só a Deus toda honra e glória!

O Rev. José é pastor da IPI de Lorena, SP

Calvino, o Culto e a Liturgia

Rev. Ismael Gomes Júnior

É comum entre os presbiterianos considerar João Calvino como o mais significativo representante da Reforma do Século XVI. Procedem de seu pensamento as bases teológica e organizacional, bem como diretrizes para o culto das igrejas de tradição reformada.

João Calvino foi um reformador de segunda geração. Quando desenvolveu e organizou sua teologia, Lutero já havia chegado às suas conclusões sobre a autoridade das Escrituras. Conseqüentemente, a atenção de Calvino se dirigiu mais a assuntos referentes à organização da vida da igreja e aos problemas da ética cristã, tanto na vida pessoal quanto na sociedade.

O culto ocupou lugar importante nas preocupações de Calvino. Como clérigo e reformador, ele reconheceu a necessidade de orientar a comunidade reformada em suas práticas litúrgicas.

Características da liturgia medieval

É importante que tenhamos em mente algumas características da liturgia praticada pelos cristãos antes do século XVI.

Foi contra o rito medieval da Igreja Romana que os reformadores reagiram e propuseram mudanças. Antes da Reforma, o povo não participava ativamente da liturgia. Somente sacerdotes e coro pronunciavam as palavras.

O idioma utilizado era o latim, o que impedia a compreensão clara do que se falava.

As pessoas participavam da eucaristia de forma esporádica e somente o pão lhes era oferecido.

Estes e outros aspectos foram alvos de mudanças. Para os

reformadores, inclusive Lutero e Zwinglio, o rito medieval havia perdido sua eficácia.

Liturgia calvinista

A liturgia proposta por Calvino possuía dois elementos distintivos e fundamentais: Palavra e sacramentos.

Calvino desejava equilíbrio entre os dois, pois tanto um quanto outro manifestavam a ação de Deus, por meio do Espírito Santo, na vida da comunidade dos fiéis. Não eram apenas sinais, mas cumprimento das promessas de Deus. O pão e o vinho se tornavam instrumentos para a manifestação da presença real de Jesus Cristo e para a comunhão do crente com o Senhor ressuscitado. O Batismo deveria



João Calvino (1509 a 1564) – Grande reformador da cidade de Genebra. Seu movimento se espalhou pelo mundo todo, através das igrejas que integram a grande família reformada e presbiteriana.

ser ministrado diante da congregação dos fiéis, no contexto do ensino e oração.

Calvino desejava também que o sacramento da Santa Ceia fosse celebrado dominicalmente. Porém, a história demonstrou que a celebração mensal foi considerada suficiente para os herdeiros da Reforma. Daí o fato de sermos conhecidos como igreja da Palavra. Com o tempo, Calvino concordou que a Palavra poderia ser proclamada sem a Ceia, porém a Ceia sem a Palavra seria inconcebível.

Outros aspectos do culto reformado calvinista:

1.A integridade bíblica e teológica do culto

Calvino insistiu no fato de que toda prática deveria ter sustentação no ensino bíblico.

2. A inteligibilidade teológica

O culto deve ser compreendido e não apenas assistido. O primeiro passo para isso foi a insistência protestante para que o culto passasse a ser feito na linguagem do povo.

3. A edificação

Tudo o que acontece no culto deve ter como objetivo a edificação do povo. Qualquer coisa que não serve para a edificação não pode ser aceita na igreja.

4. A simplicidade

Os reformadores procuraram também recuperar os Salmos e outros textos da Escritura na liturgia.

Calvino os recuperou por meio do canto metrificado e Zwínglio por meio da leitura de antífonas. Zwínglio, considerado o músico mais talentoso entre os reformadores, eliminou totalmente a música do culto. Calvino, que inicialmente não incluía a música em sua liturgia, enfatizou posteriormente o canto congregacional em lugar do coro medieval.

É possível detectarmos a importância da inteligibilidade, simplicidade e edificação na liturgia calvinista ao observarmos o tratamento que Calvino deu à música. A impressão que temos é que ele preocupou-se em fazer da música um meio de transmissão do texto e não de distração do mesmo. A música deveria contribuir para fortalecer as

palavras e torná-las inteligíveis. Por isso Calvino incentivava a utilização de melodias simples e afirmava que “...os cânticos espirituais só devem ser cantados com o coração. Todavia, o coração busca entendimento e nisso, de acordo com Santo Agostinho, está a diferença entre o cântico dos homens e o dos pássaros. Embora um tentilhão, um rouxinol ou um papagaio possam cantar bem, eles não têm entendimento. Assim o dom peculiar do homem é cantar sabendo o que diz, uma vez que a inteligência deve seguir o coração e as emoções, o que só pode ocorrer quando temos o canto gravado em nossa mente, a fim de nunca deixar de cantar”.

A contribuição musical que Calvino deu às igrejas de tradição reformada foi a composição de seu famoso Hinário ou Saltério. No período da primeira atividade pastoral de Calvino em Genebra, as igrejas reformadas de língua francesa ainda não cantavam. O contato com Estrasburgo fez com que Calvino incluísse a música em sua liturgia. Para ele, o canto era um bom meio de incitar os corações e inflamá-los.

Vários salmos escolhidos por Calvino foram metrificados e harmonizados por Louis Bourgeois e Claude Goudimel. Surgiu a partir de 1539 a primeira edição do Saltério.

Esse hinário foi utilizado não apenas em Genebra, mas, posteriormente, em várias igrejas protestantes espalhadas pela Europa e por outros continentes. Inclusive na cidade do Rio de Janeiro, em 10 de março de 1557, durante o primeiro serviço religioso protestante realizado em solo brasileiro.

Conclusão

A liturgia de tradição reformada tem suas raízes na concepção de culto estabelecida por João Calvino. Palavra e sacramentos são elementos principais. Ocuparam este posto em detrimento dos ritos pertencentes às celebrações da Igreja Romana. A música, a princípio inexistente, ganhou espaço para ser veículo de transmissão da Palavra.

O Rev. Ismael é pastor da IPI de São Manuel, SP

Calvino e o Sacramento da Eucaristia

Rev. Emerson R. P. dos Reis

Tenho a impressão que a maioria dos membros de nossas igrejas, inclusive presbíteros/as e pastores/as, não sabem o significado da Ceia do Senhor.

Certa vez, participei do culto em uma de nossas igrejas e a Ceia foi celebrada antes do sermão. Já presenciei celebrações em que ao invés de se elevar a Deus uma oração de “ação de graças” (aliás, é esse o significado da palavra “*eucaristia*”), o pastor orou “consagrando os elementos” da Ceia. Ouvimos de pastores/as e membros da igreja que o pão e o vinho são apenas símbolos do corpo e do sangue de Cristo. Há algum tempo atrás, um antigo membro da igreja me disse: “*Seria ruim se nós participássemos da Ceia todo domingo. A Santa Ceia ia se tornar uma coisa rotineira. É bom quando acontece uma vez por mês. Todo mundo fica esperando o primeiro domingo. A igreja fica cheia nesse dia*”. E o que dizer do “clima” da celebração da Ceia? Os membros seguram o pão e o cálice em suas mãos e participam com um misto de solenidade e tristeza.

Estas cenas observamos em nossas comunidades. Por isso pergunto: o que está acontecendo no momento em que celebramos a Ceia do Senhor? Seria proveitoso que, quando comemoramos mais um aniversário da Reforma Protestante, buscássemos responder a essa questão voltando os nossos olhos para os próprios reformadores, especialmente João Calvino. É o que pretendemos fazer.

A Ceia do Senhor antes da Reforma

Como estava a liturgia antes da Reforma?

O culto não ia nada bem. A igreja estava dividida entre clero e leigos. A liturgia era alguma coisa que o sacerdote fazia em favor do

povo. O sacerdote fazia e o povo assistia. Passou-se a desvalorizar a Palavra e sua proclamação no culto. A missa era realizada em latim. Os leigos nada compreendiam. O povo também não falava e nem orava no culto. Tudo era feito pelo sacerdote, de maneira incompreensível e muitas vezes inaudível. Restava ao povo contemplar o que estava acontecendo.

E quanto à Ceia do Senhor? Na liturgia, tudo servia como preparação para a Eucaristia. A missa eucarística era entendida como um sacrifício que o sacerdote apresentava pelos pecados do povo. Era como se o sacrifício de Cristo fosse repetido.

Desenvolveu-se nessa época a idéia de que os sacramentos causam a graça de Deus. Não é Deus quem, diretamente, causa a graça. Os sacramentos eram entendidos como eficazes por si mesmos e considerados como algo que tinham poder próprio. Contudo, quem celebrava os sacramentos era o clero. O sacerdote era um ser poderoso, que administrava e infundia a graça. Tudo dependia de sua consagração.

Imaginava-se que, a partir dessa consagração, as substâncias do pão e do vinho eram transformadas, respectivamente, nas substâncias do corpo e do sangue de Cristo. O povo, ao receber a hóstia consagrada, recebia verdadeiramente a carne de Cristo e o sacerdote, ao beber do cálice, bebia verdadeiramente o sangue de Cristo. Essa doutrina foi chamada de “*transubstanciação*”.

O povo começou a sentir-se muito indigno de participar da Ceia do Senhor, pois tratava-se do próprio corpo natural de Cristo presente. Induzido pelo clero, deixou de comungar com regularidade. Ao povo só restava contemplar e adorar a hóstia, a carne e o sangue de Cristo, presentes diante de seus olhos. O ponto alto do culto era quando o sacerdote fazia Cristo tornar-se corporalmente presente na Ceia.

A reação dos reformadores e suas divergências quanto à Ceia do Senhor

A Reforma transformou a liturgia.

Os reformadores procuraram:

- restaurar a idéia de que o culto é uma tarefa de todo o povo de Deus;
- recuperar a importância das Escrituras e do sermão no culto;

-
- realizar o culto na língua que o povo entendia;
 - aumentar a frequência da celebração da Ceia;
 - varrer da liturgia a suntuosidade e tudo aquilo que havia sido agregado por conta da tradição.

Os líderes da Reforma concordavam em muitos assuntos, mas não concordavam em tudo. A doutrina acerca da Santa Ceia foi um dos motivos de divisão entre eles.

Citaremos, rapidamente, as opiniões de Lutero, Zwínglio e Calvino sobre esse assunto.

Lutero, junto com os outros reformadores, negou boa parte das doutrinas romanas sobre a Ceia. Não aceitava a Eucaristia como obra meritória. Não aceitava a Eucaristia como uma repetição do sacrifício de Cristo. Não aceitava que o cálice da Santa Ceia fosse negado aos fiéis. Não aceitava o *“milagre supérfluo”* da transubstanciação.

Para Lutero, a Ceia do Senhor, ao lado da proclamação da Palavra, era o centro do culto. O sacramento vale pela graça que o acompanha e é eficaz na medida em que o povo participa dele com fé.

Lutero acreditava que a presença de Cristo na Ceia vai além de uma presença simbólica. Entendia que o corpo de Cristo pode se fazer presente na Ceia, da mesma forma como a sua natureza divina se fazia presente no homem Jesus. Para Lutero, na Ceia, ao mesmo tempo em que estão presentes o pão e o vinho, também estão presentes o corpo e o sangue de Jesus, ou seja, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes *“em”, “com”, “debaixo”, “ao redor”* e *“por trás”* do pão e do vinho. Essa doutrina ficou conhecida como *“consubstanciação”* e acabou se tornando o ponto de conflito entre o reformador alemão e os reformadores suíços. Entre eles, Zwínglio.

Zwínglio queria que tudo estivesse de acordo com a Bíblia. Por isso, restaurou em Zurique a celebração da Ceia em ambas as espécies (pão e vinho).

Para ele, a presença corporal de Cristo na Ceia era inútil. O corpo de Cristo encontra-se no céu, ao lado do Pai, e não pode se fazer presente na terra durante a Ceia. O corpo natural de Cristo não pode ser *“mastigado”*. Só podemos enxergá-lo com os olhos da fé. Mas Cristo não está ausente na Ceia. A Ceia é mais do que um ato humano. Ela é o sinal da graça de Deus. Se Deus não está presente, a graça e a resposta de fé não acontecem.

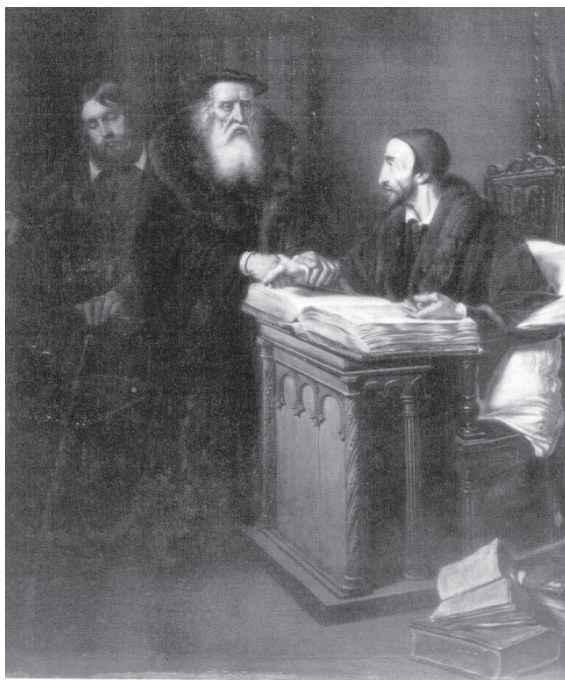
Zwínglio acreditava que a Ceia do Senhor é um ato de comemoração e representação simbólica da paixão e morte de Jesus, uma lembrança do sacrifício suficiente de Cristo. A igreja, ao comungar, transforma-se no Corpo de Cristo.

Zwínglio aumentou a freqüência da celebração da Eucaristia de uma para quatro vezes ao ano. Assim o povo participava mais vezes da Ceia e a Mesa era “protegida” daqueles que não observassem uma vida cristã impoluta. Quando a Ceia não era celebrada, realizava-se o culto com o sermão. O resultado era que, na maioria dos cultos, a Palavra e a Eucaristia estavam separados.

E Calvino, o que pensava?

Para Calvino, a doutrina da consubstanciação de Lutero encerrava a presença física de Jesus no pão e no vinho, ao passo que a interpretação simbólica de Zwínglio esvaziava a Ceia da presença do Senhor.

Calvino afirmava que Cristo está verdadeiramente presente na Eucaristia. Essa presença não é física, como na transubstanciação e na consubstanciação, mas nem por isso deixa de ser real e válida. Para Calvino, falar da presença de Cristo na Ceia é falar de um mistério. Só



Guilherme Farel
(1489 a 1565) – Foi o responsável pelo apelo feito a Calvino para que ficasse na cidade de Genebra, assumindo a liderança do movimento de reforma da igreja daquela localidade.

podemos sentir a sua presença pela fé. Só podemos entender a sua presença real e espiritual se levarmos em consideração a ação do Espírito Santo. É o Espírito quem torna possível a santa presença na Ceia.

Calvino defendia que os símbolos da comunhão nunca são coisas vazias, nem meras lembranças do sacrifício de Cristo. Os símbolos foram escolhidos por Deus para comunicar a sua graça. Os símbolos não se transformam, não se misturam e não se confundem com a realidade que querem significar. A realidade do sacramento e os símbolos são coisas distintas, possuindo, porém, afinidade na medida em que Deus, por seu Espírito, está agindo. E isto só acontece para aqueles que possuem fé.

Para Calvino, a Ceia do Senhor é o banquete que sustenta a vida cristã. Todos aqueles que foram admitidos na igreja pelo Batismo precisam ser nutridos pela Eucaristia. Na Mesa, o Cristo ressurreto comunica a vida. O ser humano é fraco e imperfeito. Sua fé é insuficiente. Precisa alimentar-se de Cristo. Este alimento espiritual só se encontra na Palavra proclamada e selada na Ceia do Senhor. Por isso Calvino insistia que a Ceia deveria ser celebrada em todos os cultos, pois somos fracos e precisamos ser nutridos por Deus.

Um último ponto. Para Calvino, não existe Ceia fora da igreja e não existe igreja sem a Ceia do Senhor. A Ceia é para a comunidade dos batizados e deve ser sempre celebrada no contexto do culto.

Conclusão

Todos os reformadores entendiam que a Ceia do Senhor era essencial no culto e na vida cristã. Ainda assim divergiam. Essas divergências focalizavam-se na questão da presença de Cristo na Ceia. Todos concordavam que Cristo se faz presente na Ceia. Discordavam quanto à forma dessa presença.

Nós, presbiterianos, fomos influenciados pelas idéias de Zwínglio. Por um lado, ignoramos a opinião de Calvino sobre a presença de Cristo na Ceia e dizemos que o pão e o vinho são símbolos do corpo e do sangue de Jesus. Por outro lado, na grande maioria de nossos cultos a Palavra é proclamada, mas a Ceia não é celebrada.

O pensamento dos reformadores, em especial o de João Calvino, nos desafia. Deveríamos refletir mais a respeito da freqüência da ce-

lebração da Ceia.

O que impede que celebremos sempre a Eucaristia?

Até que ponto não tornamos a Ceia um apêndice mensal em nossas liturgias?

Uma outra questão que tem dividido a nossa denominação é a participação de todos os batizados, inclusive as crianças, na Ceia do Senhor.

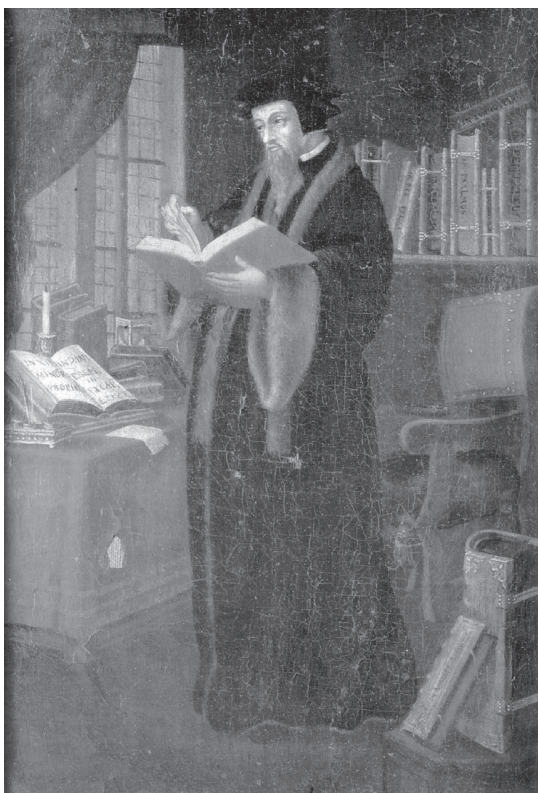
O que, de fato, é indispensável para aqueles que desejam participar da Mesa? Consciência, vontade ou fé? Só os adultos precisam da Ceia? O que João Calvino diria sobre isto?

Precisamos conhecer o significado dos sacramentos. Isso não tem acontecido. Gostamos de discutir e opinar sem estudar.

Espero que este texto seja um estímulo para aprofundamento.

Indico três livros que consultei:

- *“Uma História Ilustrada do Cristianismo – Vol. 6 – A Era dos Reformadores”*, de J. L. Gonzalez, Ed. Vida Nova;
- *“O Pensamento da Reforma”*, de H. Strohl, ASTE;
- *“Grandes Temas da Tradição Reformada”*, (ed.) Donald K. Mckim, editado no Brasil pela Associação Evangélica Literária Pendão Real.



João Calvino (1509 a 1564) em seu gabinete de trabalho – Sua obra mais famosa foi “A Instituição da Religião Cristã” (ou simplesmente “Institutas”), cuja primeira edição foi publicada em 1536. A edição definitiva dessa obra ocorreu em 1559.

O Rev. Emerson é pastor assistente da 4ª IPI de São Paulo, em Santana, São Paulo, SP

Calvino e o Sacramento do Batismo

Rev. Paulo César Colussi Riva

A Reforma Protestante “... foi o maior evento, ou série de eventos, desde o encerramento do cânon das Escrituras” (Cunningham). Ao mesmo tempo, o século XVI, quando ela ocorreu, chegou a ser considerado o pior século desde Jesus Cristo (Desidério Erasmo).

Quatrocentos e oitenta e quatro anos nos separam da Reforma que, como evento histórico, ficou presa ao passado. Mas, para a Igreja de Cristo, a Reforma possui um significado permanente. Não nos interessamos somente em perguntar o que significou, mas, principalmente, o que significa¹. Vivemos em um tempo em que a subjetividade está presente em nossas igrejas e em que se questionam nossas práticas litúrgicas e doutrinárias. À nossa Assembléia Geral é comum subirem propostas que buscam a reformulação da prática do Batismo, algumas vezes relacionadas à sua forma e, outras, à sua essência. É justamente na teologia da reforma que encontramos bons parâmetros para nossa reflexão.

1 – A Reforma e os Sacramentos

A razão pela qual antigamente usou-se o termo sacramento é clara: *sacramentum* (latim) traduz o termo *mysterion* (grego). Nossos pais usaram este termo para explicar os sinais que continham a representação das coisas espirituais. Santo Agostinho descrevia sacramento como “*sinal visível de uma graça invisível*”. Os reformadores, distantes cerca de mil anos do igreja primitiva e não querendo criar inovações doutrinárias, acabaram adotando a mesma concepção.

Martinho Lutero

Defendeu a pregação pública da Palavra de Deus como meio de graça indispensável e sinal infalível da verdadeira igreja. Mas, ao lado

da pregação da Palavra, Lutero colocou os sacramentos adequadamente administrados, constituindo-se em *“sinal e promessa”*. Condenou o sistema sacramental do catolicismo, sustentando a autenticidade de apenas dois sacramentos: Batismo e Santa Ceia - *“esses dois atos possuem em comum as seguintes características: 1) ambos proclamam o perdão dos pecados; 2) não são eficazes em sua celebração, mas na fé que se tem neles e; 3) são extensões ou instâncias separadas da Palavra de Deus e, assim, comunicam à igreja as promessas infalíveis de Deus”*².

Para Lutero os sacramentos não possuem virtude em sua realização (*ex opere operato*), mas devem ser apropriados pessoalmente, ou seja, a fé é suficiente para a salvação, mesmo separada dos sacramentos.

Filipe Melanchton

Ensinava que a igreja visível é constituída daqueles que abraçam o evangelho e participam do sacramento³. A Confissão de Augsburg, atribuída principalmente a este reformador, em seu artigo XIII trata dos sacramentos: *“foram instituídos não somente para serem sinais para que se possam conhecer exteriormente os cristãos, mas para serem sinais e testemunhos da vontade divina para conosco, com o fim de que por eles se desperte e fortaleça nossa fé”*.

Ulrico Zwínglio

Defendia que os elementos materiais e a ação física que acompa-



Colóquio Religioso de 1549, em Genebra – Nessa gravura estão Calvino, Beza, Colladon, Farel, Viret, Grenault e Lafontaine.

nhava os sacramentos não eram mais do que símbolos ou sinais de uma realidade espiritual e, por isso, defendia uma liturgia mais simples, que não levasse o fiel ao uso exagerado dos sentidos. Esta concepção mais racionalista de Zwínglio, que tem sua origem no neoplatonismo, foi motivo de divergências entre ele e outros reformadores como Melanchton e Lutero.⁴ O teólogo Paul Tillich, interpretando sua teologia sacramental afirma: “[para Zwínglio] o Espírito divino age ao lado dos sacramentos e não por meio deles”⁵.

João Calvino

Viu os sacramentos como meios de graça, afirmando sobre eles: *“sinais externos com o qual o Senhor sela em nossa consciência as promessas de sua boa vontade para conosco, a fim de sustentar a fraqueza de nossa fé, e de que testemunhemos diante d’Ele, dos anjos e dos homens a piedade e reverência que lhe professamos”*⁶. A palavra deve estar unida ao sinal para se constituir em sacramento, que é exercício que fortalece nossa convicção na Palavra de Deus. Como nós somos terrenos, eles são dados de forma terrena, para nos ensinar nas limitações e nos conduzir com as mãos como se faz com meninos⁷. A eficácia dos sacramentos se dá pela ação do Espírito Santo e, por esta razão, deve-se fazer uma distinção entre sacramentos e realidade sacramental, pois os sacramentos se tornam eficazes apenas nos eleitos.

2 – O sacramento do Batismo na Reforma

Os reformadores, embora divergissem em relação à administração dos sacramentos, defendiam posições semelhantes quanto ao significado. Abordamos aqui algumas peculiaridades dos reformadores em relação ao Batismo:

Lutero

O Batismo, realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo é um ato divino. Deus é o realizador do Batismo. O ministro é, simplesmente, o agente de Deus representando, liturgicamente, a doutrina da justificação somente pela fé. A água em si (forma exterior) não tem poder de livrar da morte e conceder salvação, mas as palavras de Deus e a fé fazem eficaz o sacramento.

Lutero defendia o Batismo de crianças. Embora as Escrituras não o ordenem explicitamente, também não o proibem. O Batismo de crianças é análogo à circuncisão no Antigo Testamento, sendo promessa de Deus para o seu povo.

Lutero defendia a correlação entre sacramento e fé, o que, a princípio, traria contradição quanto ao Batismo de crianças. No entanto, explica: *“É certo que as crianças são trazidas ao Batismo pela obra dos outros; mas, quando chegam ali e o pastor as batiza no lugar de Cristo, é Cristo quem as abençoa e lhes concede fé e o reino dos céus”*⁸. A fé é imputada como uma confirmação da misericórdia gratuita de Deus.

Melanchton, reformador contemporâneo a Lutero, apresenta quase que os mesmos pensamentos, defendendo, na *Apologia da Confissão de Augsburgo*, o Batismo de crianças: *“como a todos é oferecida a salvação, a todos se oferece o Batismo: a homens, mulheres, meninos, infantes. Segue-se, portanto, claramente, que as crianças devem ser batizadas, porque com o Batismo é oferecida salvação”*⁹.

O Batismo, para Lutero, estava intimamente ligado com o sacerdócio universal dos cristãos, pois, através dele, todos os crentes estão ordenados como sacerdotes para realizar sua missão.

Os pontos principais da teologia batismal de Lutero, portanto, podem ser assim sintetizados: *“o Batismo cristão, cujos elementos essenciais são a água e a palavra, é obra de Deus, é necessário, opera os benefícios da obra salvífica de Cristo, é confirmado pelo derramamento do Espírito Santo e, através do Batismo, todos os crentes são ordenados sacerdotes”*¹⁰.

Zwínglio

Este reformador suíço que atuou em Zurique entendia o Batismo como cerimonial de iniciação e de caráter exterior, que tornava o fiel responsável por cumprir as obrigações da fé cristã. Ele comparou o Batismo com o ato de vestir um hábito de monge: significava um processo vitalício de aprendizado de regras e dos estatutos da ordem, conforme um padrão específico de comportamento.

Além disto, o Batismo marcava uma pessoa como membro da *militia Christi* (exército de Cristo), um soldado do evangelho, que luta por Cristo, o capitão.

O propósito do Batismo era informar à igreja inteira, e não à pessoa em si, sobre a fé operada no interior pelo Espírito Santo. Assim também o Batismo nas águas significava a inclusão da pessoa entre aqueles que se arrependem.

No início de sua carreira, Zwínglio defendia que somente adultos conscientes poderiam ser batizados, mas, posteriormente, admitiu que foi um erro acreditar que crianças não deveriam ser batizadas. Desenvolveu, a partir de 1524, uma série de escritos explicando a prática do Batismo infantil e para isto apresentou três argumentos:

a) A analogia entre circuncisão e batismo infantil – os ritos do Antigo Testamento são substituídos por sacramentos mais suaves para o novo Israel de Deus, a igreja, e comunicam todo o conteúdo da aliança que Deus fizera com seu povo, relacionando eleição e batismo infantil;

b) O Batismo Cristão derivava do Batismo de João Batista – pelo fato de Jesus ter se submetido tanto à circuncisão quanto ao Batismo de João, unindo as duas dispensações, o Batismo de João e de Jesus eram os mesmos porque o evangelho que proclamavam era o mesmo;

c) Passagens bíblicas do Novo Testamento que, implicitamente, ensinam o Batismo infantil – citou o abraço dado por Cristo às crianças (Lc 18.15-17), os batismos de famílias em Atos e o fato de que não há nenhuma proibição bíblica para o Batismo de crianças.

Além disso, Zwínglio dava grande valor à fé dos pais que ofereciam seus filhos ao Batismo. Dizia: *“Não permitimos que as crianças sejam trazidas ao Batismo se seus pais não tiverem sido ensinados”*¹¹.

Mais importante que a fé dos pais, para o reformador, era a fé da igreja, que, presenciando o Batismo, incluía a criança entre os eleitos de Deus. Por isso, Zuíngio não admitia que se realizassem Batismos privados, sem a presença de ministros legitimamente ordenados.

Para ele o movimento anabatista, que não concordava em nenhuma hipótese com o Batismo de crianças, representava o risco do rompimento da unidade entre a igreja e o abalo da ordem civil. Por esses motivos, convenceu o conselho em Zurique, cidade na qual exercia grande liderança, a estabelecer um registro batismal em cada igreja local.

João Calvino

Assim definiu o Batismo: “... é a marca de nosso cristianismo, é o sinal pelo qual somos recebidos na sociedade da igreja para que, enxertados em Cristo, sejamos contados entre os filhos de Deus. É dado por Deus a nós, em primeiro lugar, para servir à nossa fé nele e, em segundo, para confessá-la diante dos homens. É uma carta patenteada que nos confirma que os nossos pecados foram de tal maneira perdoados, esquecidos e apagados, que jamais serão recordados ou imputados”¹².

Nas Institutas da Religião Cristã encontramos a mais completa teologia do Batismo escrita na época da reforma. Dentre vários pontos, destacam-se estes:

1. O Batismo testifica a remissão de pecados (Ef 5.26; Tt 3.5).
2. O Batismo testifica que os pecados do passado e do futuro são perdoados (o desvio da verdade não exige um novo Batismo). Esta verdade não é dada para que se possa pecar deliberadamente, mas para que aqueles que se sentem fatigados e oprimidos pelo pecado encontrem motivo para levantar-se.
3. O Batismo é um sacramento de arrependimento. O sangue de Cristo é que purifica dos pecados, mas o sinal e o testemunho da purificação são dados pelo Batismo. Quando o fiel é atormentado pelo pecado, deve lembrar que um dia foi batizado e que ali o Senhor comunicou o perdão.
4. O Batismo mostra a mortificação e a nova vida em Cristo (Rm 6.4-6).
5. O Batismo testifica a união com Cristo (Gl 3.27).
6. O Antigo Testamento demonstra a mortificação e a purificação (1 Co 10.2; Nm 9.18; Ex 14.21-26).
7. O Batismo restaura a justiça e a pureza originais.
8. O Batismo serve para confissão diante das outras pessoas.
9. Qualquer que seja o ministro, o Batismo é válido. Não somos batizados em nome de nenhum mortal, mas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Portanto, o Batismo não é do ser humano, mas de Deus, seja quem for que o administrar”¹³.
10. O Batismo possui um significado profundamente espiritual e não há nenhuma eficácia na quantidade de água ministrada, no local, ou em quaisquer outros significados.

Quanto ao Batismo de crianças, Calvino levantou outros pontos importantes:

1 - O Batismo infantil: da aliança da circuncisão à nova aliança no Batismo

O Batismo infantil é usado como símbolo da aliança de Deus para com as gerações dos crentes, assim como a aliança de Abraão (Gênesis 17 e Gálatas 3.9). Deus instituiu uma aliança com Abraão, que era simbolizada pela circuncisão. Esta aliança foi instituída após as promessas de Deus a ele, de que multiplicaria a sua semente e de que seria pai de numerosas nações: *“Quanto a mim, eis que a minha aliança é contigo, e serás pai de muitas nações”* (Gn 17.4, 6-7).

Abraão deveria andar diante de Deus com integridade e inocência de coração, para guardar a aliança. O rito da circuncisão é acentuado no Antigo Testamento como a mortificação para a ressurreição em uma nova vida. Moisés exortou o povo de Deus a circuncidar seu coração ao Senhor, porque era o povo escolhido de todas as nações (Dt 10.16; 30.6).

Paulo fala como éramos estranhos a Deus sem a circuncisão, em Efésios 2.11-12. Além disto, o apóstolo nos ensina que os crentes são a circuncisão, em Filipenses 3.3 e ainda apresenta a relação de Abraão com a circuncisão, em Romanos 4.9-12, na qual Abraão é considerado justificado pela fé, antes mesmo de ser circuncidado.

2 - Circuncisão e Batismo: muda-se a forma, mantém-se a essência

Usando o texto de Colossenses 2.11-13, Calvino afirma que Deus opera a verdadeira circuncisão. As mesmas promessas que os pais da fé (Abraão, Isaque, Moisés, etc.) receberam na circuncisão, nós, agora, recebemos no Batismo: remissão dos pecados e mortificação da carne para viver em justiça. Cristo é o fundamento do Batismo e também da circuncisão.

A essência do significado do Batismo e da circuncisão é a mesma. A única diferença está na cerimônia externa, que é o que menos importa.

O mais importante é a Palavra e o ato significado e representado. Circuncisão, assim como Batismo, significa entrada para o povo de Deus (Gn 17.12). No Antigo Testamento, Deus ordenara a Abraão que a separação fosse sinalizada nas crianças através de um sacramento visível e externo – a circuncisão. No Novo Testamento, os fi-

lhos dos crentes são chamados: santos, separados (1 Co 7.14), sendo que tal separação é sinalizada através do Batismo.

Os filhos dos crentes estão incluídos nas promessas de Deus. Eles não são pagãos, mas, desde o ventre materno, estão incluídos no projeto redentor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, o pacto da graça é também fundamento do Batismo infantil. Os crentes submetem seus filhos ao Batismo crendo na exclusiva graça de Deus em salvar.

3 - Calvino diante dos que condenavam o Batismo infantil

As indagações levantadas na época da Reforma são semelhantes às que se levantam hoje sobre o Batismo de crianças. Vejamos como ele as refutou, em sua obra *A Instituição da Religião Cristã*, principal livro de João Calvino¹⁴ :

Que relação tem a bênção de Cristo aos meninos e o Batismo?

Se é razoável levar os pequeninos a Cristo, porque não os admitirmos também no Batismo, que é o sinal exterior mediante o qual o Senhor Jesus nos declara a comunhão e sociedade com Ele? Se o Reino de Deus lhes pertence, como negar o sinal que nos mostra sermos membros do corpo de Cristo?

Os apóstolos não batizaram seus filhos!

Embora não exista passagem bíblica que diga diretamente que alguma criança foi batizada, também não existe nenhum texto que fale claramente que as mulheres participavam da Ceia. Existem textos na Escritura que mostram que uma família inteira foi batizada, como, por exemplo, Atos 16.15-33.

Não há nenhuma importância no Batismo, já que Deus nos abençoa infinitamente.

O sinal que Deus comunica aos pequenos, confirma, como se fosse ratificada com um selo, a promessa que o Senhor fez a seus filhos, que ele será seu Deus e de sua descendência por mil gerações. O proveito que os filhos recebem é que a igreja, reconhecendo-os como filhos, os tem com a maior estima e, ao crescerem, têm a ocasião de inclinarem-se mais ainda ao serviço de Deus, compreendendo que ele os amou antes mesmo que tivessem condições de compreendê-lo

racionalmente, recebendo-os no número de seus filhos desde o seio da madre. Se os hebreus negligenciassem a circuncisão, Deus consideraria seus filhos como gentios (Gn 17.14).

O Rev. Paulo César é pastor da IPI de Paranavaí, PR

Notas

¹¹GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**; São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 306

²¹GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**; São Paulo: Vida Nova, 1993 p. 93

³¹KLEIN, Carlos Jeremias. **Presbiterianismo Brasileiro e Rebatismo**: São Paulo, Edições Simpósio, 2000, p.23

⁴¹GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo – Volume 6: a Era dos reformadores**. São Paulo, Edições Vida Nova: p. 95

⁵¹KLEIN, Carlos Jeremias. **Presbiterianismo Brasileiro e Rebatismo**: São Paulo, Edições Simpósio, 2000, p.24

⁶ CALVINO, Juan. **Institución de la Religion Cristiana**. Buenos Aires: Nueva Criacion, 1988, p. 1007

⁷ CALVINO, Juan. **Institución de la Religion Cristiana**. Buenos Aires: Nueva Criacion, 1988, p. 1010

⁸ GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**; São Paulo: Vida Nova, 1993 p. 95

⁹ KLEIN, Carlos Jeremias. **Presbiterianismo Brasileiro e Rebatismo**: São Paulo, Edições Simpósio, 2000, p.27

¹⁰ KLEIN, Carlos Jeremias. **Presbiterianismo Brasileiro e Rebatismo**: São Paulo, Edições Simpósio, 2000, p.26

¹¹ GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**; São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 142

¹² CALVINO, Juan. **Institución de la Religion Cristiana**. Buenos Aires: Nueva Criacion, 1988, p. 1028

¹³ CALVINO, Juan. **Institución de la Religion Cristiana**. Buenos Aires: Nueva Criacion, 1988, p. 1037

¹⁴ CALVINO, Juan. **Institución de la Religion Cristiana**. Buenos Aires: Nueva Criación, 1988,.

Calvino e a Música

Rev. João Wilson Faustini

Muitas das idéias de Calvino a respeito da música no culto, durante a Reforma, parecem que foram escritas especialmente para os nossos dias atuais! Isto porque talvez hoje nós também precisemos de uma grande reforma musical dentro da igreja.

Baseado em princípios bíblicos importantes, Calvino nos deixou uma série de recomendações a respeito da importância da música no culto, ao escrever o prefácio do primeiro *Saltério Genebrino*, publicado em 1565.

O *Saltério* era um hinário contendo todos os salmos em forma de poesia. Esses salmos haviam sido metrificados e colocados em rima por **Clément Marot** e **Théodore de Bèze**, e haviam sido musicados por **Claude Goudimel** a pedido do próprio Calvino, porque ele queria que os Salmos voltassem a ser usados nos cultos, como hinos, tal como o livro dos Salmos, os quais haviam sido compostos em poesia hebraica e eram cantados no segundo templo de Jerusalém.

A influência dos diversos saltérios que surgiram na hinologia a partir dessa época foi tremenda. Talvez o que deu maior popularidade ao Salmo 100, um dos muitos musicados por **Louis Bourgeois**, de melodia que conhecemos, foi a sua música, denominada *Old Hundredth*. O seu ritmo original era alegre e saltitante, bem no espírito do texto que nos convida a celebrar ao Senhor com alegria. Esta melodia ainda é usada hoje em muitas igrejas, com o texto da Doxologia “*A Deus Supremo Benfeitor*”.

A linguagem de exaltação a Deus contida nestes salmos metrificados, com o tempo, se tornou parte do pensamento cristão, e as idéias messiânicas, neles incorporadas, fortaleceram a crença de que Jesus é o Cristo, escolhido desde a fundação do mundo, para ser o salvador da humanidade.

A grande gama de emoções, que os salmos cobriam, tocava os corações e os despertava à fé e à coragem. Devido a essa visão de



Auditório de Calvino, em Genebra – Nesse local, o grande reformador pregou, durante anos, suas mensagens bíblicas.

Calvino, o uso dos Salmos metrificados cantados passou de Genebra para a Inglaterra e Escócia, e tornou-se generalizado em muitos países. Quando Robert e Sarah Kalley vieram para o Brasil, uma das primeiras providências do casal foi a de compilar um hinário em português, contendo salmos metrificados em nossa própria língua. Essa foi, então, a origem do primeiro hinário evangélico brasileiro, o *Sal-*

mos e Hinos, publicado em 1861.

A influência de Calvino na teologia dos hinos da língua inglesa foi enorme, até o século XIX, bem depois de sua morte. Dessa hinódia inglesa é que muitos salmos e hinos foram traduzidos para o português, para fazer o grande acervo encontrado em nossos hinários brasileiros, a maioria dos quais ainda está em uso até hoje, nas igrejas que usam os hinários.

Naturalmente, os dias atuais são muito diferentes dos dias de Calvino, mas, no prefácio da primeira edição do Saltério Genebrino, encontramos orientação segura, perfeitamente atual, que podemos aplicar hoje, para nos ajudar, ao atravessarmos momentos de grande confusão litúrgica em nossas igrejas, provocadas principalmente pela música inadequada.

Como temos nos distanciado e nos esquecido de nossas origens e tradições calvinistas, no que se refere à música e ao canto congregacional dos cultos!

Calvino deixou muito claro, no prefácio mencionado, que, quando nos reunimos no nome de Cristo para adorá-lo, não estamos ali para nos entretermos ou entreter e divertir os espectadores, mas para que haja proveito espiritual. Ele cita o apóstolo Paulo, lembrando que tudo que é feito ou dito no culto deve ser claro e compreensível e deve ser feito para a edificação de todos.

Hoje em dia, em muitas das nossas igrejas, o culto se parece mais com um longo show de entretenimento, onde muitos vão para se divertir, passar uns bons momentos, e onde esperam participar de um programa variado de músicas repetitivas, de textos pouco inteligentes, acompanhados de instrumentos ensurdecadores e de falas um tanto desconexas. Ali não se consegue ouvir bem as palavras, e tudo é acompanhado de gestos, palmas e movimentos aeróbicos. A atmosfera é, geralmente, agitada e em nada edificante para a geração mais velha. O que se segue é, freqüentemente, uma narração bíblica, quase sempre improvisada, ou de estórias engraçadas ou emotivas,

Mas Calvino vai mais além ainda, dizendo que, quando não há doutrina, também não há edificação e que, se quisermos de fato honrar os ensinamentos de Cristo, devemos conhecer o conteúdo de tudo que é usado na liturgia, saber o que significa e qual a sua finalidade, para que o seu uso seja justificado e salutar.

Calvino falou acerca dos três elementos mais importantes do culto: a **pregação da Palavra**, as **orações** (públicas ou silenciosas), e a administração dos **sacramentos**.

Ele também esclareceu que, desde o princípio da igreja, há duas espécies de oração: a falada e a cantada. Elaborou, em seguida, dizendo que, por experiência, sabemos que o canto tem grande poder para comover e inflamar os corações, para que, com zelo ardente, invoquemos e louvemos a Deus.

Infelizmente, a grande maioria dos cânticos usados hoje em dia nos cultos nem sempre é a respeito de Deus. Parece que a geração atual prefere falar de si, das suas experiências pessoais, num verdadeiro narcisismo religioso.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Calvino cita Santo Agostinho e nos instrui que se deve ter grande cuidado para não usar, no culto, músicas que sejam levianas ou frívolas. Em vez de usar cânticos vãos e prejudiciais, ele sugere que os cristãos se acostumem a usar os Salmos, de músicas mais sóbrias, e a serem mais moderados, usando músicas que tenham peso e majestade, próprios para a igreja.

Ele disse ainda que é necessário que haja **uma grande diferença** entre a música que usamos para nos entreter às refeições ou nas casas, e os Salmos, cantados na igreja, diante de Deus e dos seus anjos, chamando a atenção, mais uma vez, para o propósito primordial do culto, que é a edificação de todos.

Ao ler tais instruções, pode nos parecer que o tipo de música a que Calvino estivesse se referindo fosse lento e enfadonho. Porém, não é esse o caso. As músicas prevalecentes com que se cantava os Salmos usados naquela época, compostas por **Bourgeois, Goudimel** e outros, coincidiam com o desenvolvimento da harmonia, onde a melodia do canto, ou seja, o soprano, mais e mais assumia um papel saliente e mais importante que as outras vozes. Daí a razão dos calvinistas entoarem os Salmos geralmente em uníssono, num andamento vigoroso e alegre, a ponto destes cânticos serem chamados de “*Geneva Jiggs*” pela rainha Elizabeth da Inglaterra, quando os ingleses exilados em Genebra e fugitivos de Maria, a sanguinária, voltaram para o seu país. Tanto na Inglaterra como na Escócia, os Salmos metrificadas se tornaram uma verdadeira paixão pública, não só na igreja, mas em todas as ruas e lugares públicos também.

Um fato que, sem dúvida, contribuiu muito para que houvesse mudanças no culto e na música de adoração nos últimos 40 anos foi a vinda inesperada de uma geração nova muito mais numerosa que a antiga, que impôs os seus próprios valores. A geração antiga foi tiranizada, influenciada e controlada pela geração mais nova, chamada de *baby boom*. Os mais jovens sobrepujaram em número e dominaram os mais velhos, sem ao menos absorverem as suas tradições e os seus valores. Dizem os demógrafos, que essa geração causou enormes mudanças em todos os setores do comércio, indústria, artes e cultura em geral. A música da igreja, naturalmente, não deixou também de ser grandemente afetada.

Embora não possamos comparar os nossos dias com o pensamento da Idade Média, sabemos perfeitamente que os eternos princípios bíblicos, apesar de tudo, permanecem os mesmos, como sempre foram. Será que todos esses fatores não nos têm levado a uma anarquia total em relação ao culto que devemos a Deus atualmente?

Calvino foi bastante rijo em certos aspectos da sua disciplina e teologia. Por sua influência bastante poderosa, a Igreja Protestante na Europa não tinha bispos, mas somente ministros, eleitos pela congregação, e presbíteros, eleitos para manter a moral. No seu tempo era proibido o jogo de baralho, a diversão e o cântico de canções profanas aos domingos. Mas o seu pensamento era bastante coerente e, conforme a afirmação do nosso catecismo, que ensina que “a finalidade principal do homem é a de glorificar a Deus”, ele disse também que, dentre as atividades recreativas do ser humano, a música é uma das principais e que ela é uma dádiva de Deus, devendo, por isso, ser usada diligentemente para glorificar a Deus.

Calvino deixou claro que devemos tomar cuidado com os abusos e não usar a música apenas para o nosso próprio diletantismo. Ele até citou Platão, dizendo que não há no mundo força tão poderosa para mudar a moral das pessoas como a música. Por experiência própria, Calvino podia confirmar isto, acrescentando que a música, de fato, tinha esse poder incrível, tanto para o bem como para o mal. Por isso devemos ser extremamente diligentes e cuidadosos em regulá-la, para que o seu uso não seja pernicioso.

Familiarizado com os pais da igreja primitiva, Calvino disse que eles, desde os seus dias, já se queixavam de que o povo usava can-

João Ecolampádio (1482 a 1531) – Humanista muito ligado a Erasmo de Roterdã, tornou-se pastor da Catedral de Bâle, ajudando na expansão do movimento reformador.



ções desonestas e vergonhosas, as quais chamavam de veneno satânico, que corrompe o mundo. Se a música faz isso lá fora, o que não fará dentro da igreja, se não estiver de acordo com a doutrina e sob controle dos princípios bíblicos?

Além de destruir a reverência e a dignidade do culto com seus ritmos desproporcionais, poderá ser a responsável por arraigar uma doutrina superficial e pouco coerente na mente do povo, visto que está provado que o povo retém mais o que canta do que o que ouve através da pregação. A própria Reforma na Alemanha é uma prova disso, e os historiadores são os primeiros a admitir que Lutero fez maiores mudanças na mente do povo alemão através dos seus corais do que com os seus inflamados sermões.

Que regulamentos temos hoje para controlar a música usada em nossos cultos? Não temos deixado tudo nas mãos dos nossos jovens, talvez com o intuito de ganhá-los, mas sem a menor supervisão ou cuidado, deixando que façam como bem entendem? Teremos de pagar um alto preço por isso, sem dúvida!

Outro aspecto importante do pensamento de Calvino, útil para nós no dia de hoje, é a respeito da música como arte de expressão.

Ele achava que, através do canto, mesmo fora da igreja, em nossos lares ou no trabalho e nos campos, podemos louvar a Deus com a

nossa voz, o instrumento dado por Ele. Através do canto podemos nos consolar, meditando em suas virtudes, como a bondade, a sabedoria e a justiça. Acima de tudo, podemos também nos regozijar em Deus, de onde provém a nossa verdadeira finalidade.

Segundo Calvino, Deus sabe muito bem que somos inclinados a nos alegrar na vaidade e que toda a nossa natureza nos induz a buscar meios tolos para nos alegrarmos ou nos divertirmos. É por isso que Deus, por maneiras contrárias e sóbrias, nos oferece todos os meios possíveis para que nos afastemos das tentações da carne e do mundo, convocando-nos para uma alegria espiritual e santa.

Calvino achava, com razão, que não só as palavras nos corrompem, mas a própria música, que, como um vinho penetra no vaso através de um funil, assim também o seu veneno e corrupção são destilados nas profundezas do nosso coração.

Foi exatamente por esta razão que Calvino insistiu no uso dos Salmos em forma de poesia, por serem estes mais próprios para nos incitar a orar, louvar a Deus e meditar em suas obras, e, assim, temê-lo, amá-lo e honrá-lo. Ele cita Santo Agostinho novamente, dizendo que ninguém pode realmente cantar coisas que dignifiquem a Deus, senão aquelas que tenha recebido dele. Cita também São Crisóstomo, que exorta os homens, mulheres e crianças a se familiarizarem com o cântico dos Salmos, para que assim, como uma espécie de meditação, se unam no louvor a Deus juntamente com os exércitos dos anjos.

Concluindo o seu prefácio para o Saltério de Genebra, Calvino ainda nos exorta que cantemos de coração e que, para fazer isso, usemos a inteligência. Cita mais uma vez Santo Agostinho e diz que não devemos apenas abrir a boca como um papagaio, que não sabe o que canta, mas que devemos usar esta dádiva singular dada ao ser humano, de cantar inteligentemente, isto é, de louvar a Deus com compreensão.

Que Deus nos ajude nestes dias que atravessamos, para que saiamos do caos e da confusão reinante em nossos cultos, e que Ele dirija especialmente a nossa igreja e a sua liderança, para que ela continue a se reformar e a enaltecer o nosso glorioso Senhor.

O Rev. João Wilson Faustini é ministro jubilado da Igreja Presbiteriana (EUA) e uma dos maiores expoentes da música sacra evangélica no Brasil

Calvino e as Sagradas Escrituras

Rev. Paulo Eduardo Cesquim

Qualquer abordagem sobre a Reforma do século XVI que pretenda fazer justiça a seus principais mentores e discorrer sobre os pilares temáticos de sua preciosa herança será totalmente vazia e destituída de sentido se não penetrar pelo universo do pensamento de João Calvino.

Teólogos do mundo inteiro consideram o reformador francês como o mais brilhante e perceptivo sistematizador que a igreja cristã teve o privilégio de receber em seu interior desde o século XVI. Sua obra é realmente grandiosa. Mas devemos ser fiéis ao próprio Calvino e mencionarmos que seu portentoso trabalho é fruto de uma convivência profunda e respeitosa com a graça e a verdade de Deus, conforme registrada na Escritura Sagrada.

Antes de mais nada, é importante lembrar que o apego de João Calvino às Escrituras possuiu um contexto teológico próprio.

A história registra que, em meio ao acirrado debate doutrinário que ocupava um considerável espaço no pensamento cristão da época, duas polarizações com relação à Escritura vinham tomando corpo e gerando uma falsa compreensão de suas reais atribuições.

Por um lado, havia o cativeiro do texto sagrado pela Igreja Romana e, por outro lado, o abandono das Escrituras pelos reformistas radicais ou pela “ala esquerda” da Reforma.

O ensino papista afirmava que a autoridade da Escritura dependia da tradição da igreja. Já os “Entusiastas” ou “Fanáticos” acreditavam que eram ensinados diretamente pelo Espírito, através de novas revelações, provenientes de uma “luz interior”. Portanto, consideravam a Escritura como uma forma temporária e inferior de revelação.

Calvino levantou-se contra essa situação e construiu em seus escritos uma justa noção do papel da Bíblia Sagrada na vida do crente.

Profeticamente, insistiu em fazer desvanecer o espírito de mentira que escravizava a mente humana.

Sola Scriptura!

A Palavra e sua interpretação não estão cativas à autoridade eclesiástica. A igreja é que está fundada sobre as Escrituras, e não o contrário (Ef 2.20).

Qualquer organização eclesiástica só possui autoridade enquanto estiver dentro da doutrina bíblica.

Calvino acreditava que a maior prova da autoridade das Escrituras residia no fato de que o próprio Deus nos fala por seu intermédio. De acordo com o reformador, o ser humano natural jamais poderia ser convencido da divindade revelada pelas Escrituras através de argumentos apresentados pela igreja, por mais lógicos que o fossem. Antes, é somente o Espírito, em seu **testemunho interno** no coração do crente, quem pode persuadir de que Deus realmente fala nas Escrituras, inclinando todo o povo de Deus a aceitá-la a partir de uma certeza indissolúvel mediada pela fé gerada em seu interior.

Segundo Calvino, a revelação das Escrituras era matéria suficiente e final. Portanto, era um erro afirmar que Deus estaria ensinando “novas” verdades no presente, dissociadas da revelação bíblica já estabelecida e consagrada. Afinal, o ministério do Consolador, conforme João 14.25-26, consiste em iluminar a mente e o coração dos discípulos de Cristo, para que compreendam e creiam na verdade agora registrada na Palavra de Deus.

O reformador francês criticava incisivamente qualquer iniciativa de separar a revelação divina da Bíblia Sagrada, considerando as tendências teológicas nesse sentido como atos de uma verdadeira “demenção”.

Para Calvino, o verdadeiro conhecimento de Deus está na Escritura. Uma conhecida ilustração registrada no Livro I, capítulo 6, das “Institutas da Religião Cristã”, compara a Bíblia aos óculos para o ser humano espiritualmente míope. Arrastados de um lado para o outro, em constante agitação, enfermo dos olhos diante do fulgor que projeta a divina majestade no céu e na terra, alienado num labirinto de erros, o pobre ser humano passou a se esquecer de seu criador e fonte de todo o bem. Por isso, aprovou a Deus, em sua infinita misericórdia aplicar também sua Palavra como uma marca segura e direta para

reconhecê-lo.

O testemunho da Palavra visa mostrar que Deus se torna patente na Escritura, ensinando aquilo que devemos pensar a seu respeito, a fim de que não busquemos, por caminhos tortuosos, alguma divindade incerta.

Os elementos essenciais da doutrina das Sagradas Escrituras defendida por João Calvino podem ser resumidos numa frase: *“A Bíblia é a Palavra de Deus inspirada e revelada em linguagem humana e confirmada ao cristão pelo testemunho interior do Espírito Santo”*.¹

Calvino não investiu muito tempo buscando explicar detalhadamente os mecanismos pelos quais a Bíblia foi inspirada. Em sua mente, tudo parecia óbvio. Entretanto, fazia questão de ressaltar a origem divina das Escrituras em muitas oportunidades. Assim o fez em seu comentário sobre “As Epístolas Pastorais” (2 Tm 3.16), onde vincula diretamente a autoridade de Bíblia à sua inspiração divina e afirma que *“os profetas pronunciaram somente aquilo para o qual foram do céu comissionados a declarar”*.²

De acordo com João Calvino, a Bíblia é a Palavra de Deus escrita. Seu raciocínio sobre o assunto dizia que, se a inspiração ocupava o lugar da recepção da firme certeza doutrinária no coração de seres



Martinho Bucer (1491 a 1551) – Dominicano da região da Alsácia, aderiu ao movimento reformador, sendo um dos grandes responsáveis pelo seu sucesso. Ficou famoso como pregador.

humanos especialmente separados para tal fim, era preciso que essa fé, uma vez confirmada, se estabelecesse para sempre, fazendo-se superior a qualquer mera opinião sobre Deus. Desse modo, para que vivêssemos em perpétua continuidade de doutrina e para que a verdade permanecesse no mundo, sobrevivendo a todos os séculos, aprovou a Deus registrá-las em públicos instrumentos. Daí, o caráter escrito da Palavra de Deus.

Uma vez revelada em linguagem humana, para que a comunicação de fato se efetive, Calvino explica que Deus, nas Escrituras, adapta-se ao nosso modo comum de falar por causa de nossa ignorância, fazendo com que, mesmo no mais rude e humilde ensino do evangelho, o cristão possa descobrir as palavras de vida que o Senhor Deus lhe oferece.

Enquanto exegeta competente, Calvino sempre tratou o texto bíblico de forma reverente e crítica ao mesmo tempo. Compreendia como ninguém os distanciamentos históricos, gramaticais, sociais, culturais, políticos e econômicos que se impunham à arte de interpretar a Palavra de Deus. Não se apegava à letra propriamente dita, antes demonstrava impressionante liberdade no trato com os textos sagrados, uma vez que apoiava seu trabalho na confiança autoritativa da Palavra de Deus e seu poder em cumprir seus eternos propósitos.

Humanista que era e envolvido no espírito da renascença, utilizava todos os recursos que lhe estavam disponíveis à época, sem qualquer tipo de preconceito, desde que corroborassem para uma aproximação mais apurada do sentido do texto.

A despeito das muitas teorias sobre a formação da Bíblia, sua confirmação como Palavra de Deus só pode existir pelo testemunho interno do Espírito Santo. Tal segurança apenas se estabelece quando o mesmo Espírito que inspirou os profetas e apóstolos ilumina a mente do crente, confirmando em seu interior a verdade revelada.

Calvino não se apegava às provas racionais de reconhecimento da Escritura como Palavra de Deus. Ainda que reconhecesse muitos indícios que conferiam credibilidade ao texto sagrado, como sua antiguidade, cumprimentos proféticos, milagres, testemunho dos mártires e da igreja, considerava-os apenas como “auxílios secundários” quando comparados com o “principal e mais elevado testemunho” – o do próprio Espírito.

Enfim, podemos constatar que o relacionamento de João Calvino com as Escrituras perfaz um importante capítulo de sua vida e, por isso, deve constituir uma salutar baliza para a teologia reformada em nossos dias.

A igreja cristã no mundo todo vive tempos difíceis quanto ao trato com a Escritura Sagrada. Urge que busquemos em Deus a iluminação do Espírito, para que compreendamos e apliquemos corretamente as Escrituras à vida e missão da Igreja.

A Bíblia é o único instrumento que pode nos revelar o caráter de Deus, com marcas distintas e próprias, a fim de que os seres humanos não sejam confundidos diante da multidão espúria de falsos deuses que se levantam pelos séculos.

Não nos enganemos!

Que a lembrança da Reforma Protestante do Século XVI possa fazer ecoar em nós um legítimo grito por ***Sola Scriptura!***

E que o apreço de Calvino para com a Bíblia Sagrada possa nos inspirar para que nos tornemos “discípulos das Escrituras”, pois é da obediência à Palavra de Deus que nasce a fé consumada e completa, bem como todo o reto conhecimento de Deus.

O Rev. Paulo Eduardo é pastor da IPI de Engenheiro Goulart, em São Paulo, SP

Notas

¹ Timothy George, *Teologia dos Reformadores* (São Paulo: Vida Nova, 1993), p. 193.

² João Calvino, *As Pastorais* (São Paulo: ed. Paráclitos, 1998), p. 262.

Calvino, o Teólogo do Espírito Santo

Rev. Roberto Mauro de Souza Castro

A nossa realidade

Não é novidade a nenhum de nós que o movimento carismático, com todos os seus desdobramentos, tem crescido a passos largos em nível mundial, em especial na América Latina, e que também não são poucas as tentativas de compreender o fenômeno. Tenta-se fazê-lo sob a ótica da teologia, da psicologia, da sociologia, da filosofia, da antropologia e de quantas mais ciências humanas se intrigarem com o fato.

O simples fato das igrejas desse movimento crescerem talvez não nos perturba tanto quanto o fato de sua mensagem ultrapassar as barreiras denominacionais e fazer com que nossas igrejas sejam “tocadas” por sua prática e visão, as quais são difundidas de forma profissional pelo rádio, televisão, material gráfico (revistas, jornais, livros, panfletos, etc.), fitas de vídeo, áudio e, agora, cds e dvds.

Diante disso, muitas de nossas igrejas locais são influenciadas por esta visão “pentecostal”, que, no geral, resume a ação do Espírito Santo às suas manifestações sobrenaturais: visões, curas, línguas, exorcismos, etc. Tais manifestações são inevitavelmente associadas ao “fogo” do Espírito Santo, fazendo com que muitos cheguem à rasa e ingênua conclusão de que a igreja, para crescer, necessita do referido “fogo”.

“O Espírito Santo está na moda!” – É assim que o Rev. Gerson Correia de Lacerda inicia o seu sermão de Pentecostes, referindo-se à busca atual pelos dons carismáticos. Essa frase sintetiza muito bem a época em que vivemos, onde há uma grande busca pelo Espírito Santo; busca que, no entanto, confunde sua obra à mera manifestação sobrenatural dos carismas.

Henrique Bullinger (1504 a 1575)
– Sucessor de Úlrico Zwínglio,
tendo assumido o pastorado da
Igreja de Zurique após a sua morte.



A realidade de Calvino

Já a pauta das preocupações teológicas dos reformadores e, em especial, a de Calvino, não era aquela referente às manifestações sobrenaturais do Espírito Santo e, sim, a de formular, sistematicamente, o corpo doutrinário da fé reformada. E, naquele momento histórico, as ênfases não estavam recaindo sobre o estudo do Espírito Santo e, sim, sobre: a) Deus Pai, criador e sustentador, o soberano do universo; b) Jesus Cristo, o Filho, que, através de sua morte, traz a salvação; c) a igreja, sua essência e relação com o Estado.

Portanto, torna-se injusto requerer de Calvino e dos reformadores um aprofundamento e atenção especiais às manifestações do Espírito Santo evidenciadas no dom de curas, dons de línguas e profecias, como as presenciamos no presente momento, uma vez que, como já dissemos, o assunto não era relevante para aquele momento histórico. Isto não quer dizer que Calvino não tenha falado sobre a vida e obra do Espírito Santo, como veremos adiante.

O teólogo do Espírito Santo – espanto e absurdo

Lembrar o epíteto atribuído a Calvino de “teólogo do Espírito Santo” por Benjamin B. Warfield é cair em lugar comum, para alguns. Para outros, todavia, é um aspecto desconhecido ou não refletido

em toda a sua amplitude. A verdade é que, para estes últimos, a alcu-
nha gera um verdadeiro espanto, soando como um grande absurdo.
Acha-se, assim, que Calvino foi “especialista” no tema Espírito Santo
e que o epíteto é um resumo daquilo que o reformador se dedicou a
escrever. Daí o espanto, pois, em sua obra máxima, *As Institutas da
Religião Cristã*, Calvino não dedicou sequer um capítulo para discutir
a pessoa e obra do Espírito Santo.

O epíteto ainda soa como um grande absurdo em função da co-
nhecida afirmação de Calvino de que os dons do Espírito Santo ces-
saram na época apostólica e que foram “substituídos” pela pregação
do evangelho. Portanto, para aqueles que são influenciados pela onda
carismática a que já me referi, o fato de Calvino ser chamado de “o
teólogo do Espírito Santo” é um verdadeiro absurdo, uma vez que,
para este movimento, a obra do Espírito se resume aos dons. “*Como
alguém que nega os dons pode ser chamado de teólogo do Espírito
Santo?*” – É esta a grande pergunta deles.

Desfazendo preconceitos

Qualquer estudo a respeito de Calvino e de seu pensamento deve
ser feito sob o espírito do “sempre se reformando” (segundo a Palavra
de Deus), uma vez que Calvino não foi infalível. No entanto, temos
de reconhecer que Calvino continua sendo o grande referencial para
a fé reformada, a qual comungamos enquanto denominação.

Um exemplo desta atitude (de sempre se reformar) pode ser visto
no âmbito institucional, na aprovação, em 1993, pelo então Supre-
mo Concílio, do documento que declara a contemporaneidade dos
dons espirituais, contrária à afirmação de Calvino de que o “*dom da
cura bem como todos os outros milagres, que o Senhor desejou que
fossem trazidos à luz durante algum tempo, desapareceram, para fa-
zer com que a nova pregação do Evangelho se tornasse maravilhosa
para sempre*”. Em outras palavras, a Igreja Presbiteriana Independente
do Brasil crê que os dons do Espírito Santo são atuais.

Necessária se faz, portanto, a atualização do pensamento de Calvino
aos anseios e expectativas que vivemos hoje, igreja do século XXI.
Numa época em que o antigo possui a conotação de ultrapassado e o
novo exerce o fascínio do “pós-moderno”, falar de Calvino, para

muitos, pode parecer ser retrógrado e ter a mente empoeirada. Como hoje em dia ninguém o quer ser e tê-la, respectivamente, rejeita-se o pensamento do reformador por um certo preconceito: *“É tão antigo que não deve ter nada de bom”* ou *“seu pensamento é tão ferrenho em muitos pontos, que não podemos aceitá-lo”*.

Ledo engano! O pensamento de Calvino é fundamental à fé reformada, necessitando, sem dúvida, da contextualização, o que não é tarefa fácil.

Calvino e o Espírito Santo

Diante do exposto, é preciso, então, concluirmos as razões pelas quais Calvino é chamado de teólogo do Espírito Santo.

A grosso modo, podemos dizer que Calvino não dedicou um capítulo exclusivo ao Espírito Santo porque, de certa forma, a pessoa do Espírito Santo permeia todo o texto das Institutas. Ou seja, para Calvino a pessoa do Espírito Santo está presente em todos os temas da teologia, não podendo ser dissociado, pois sua ação se manifesta de forma sobrenatural para fazer conhecida a vontade de Deus entre os seres humanos. Calvino chegou a afirmar que *“tudo quanto diz respeito ao genuíno conhecimento de Deus constitui um dom do Espírito Santo”*.

Vejamos então, em algumas áreas teológicas, o permear da ação do Espírito Santo no pensamento teológico de Calvino.

Diz-nos ele: *“o Espírito Santo é o elo com o qual Cristo nos liga firmemente consigo”*.

Nesta afirmação podemos perceber que a obra do Filho não se manifesta solitária, mas recebe a ação compartilhada do Espírito Santo, selando a união mística do crente com seu Senhor.

Para que esta graça seja comunicada à humanidade corrompida, imprescindível se torna o arrependimento. E aqui também, para Calvino, percebe-se a ação do Espírito Santo: *“que o arrependimento seja um dom singular de Deus, me parece tão evidente pelo exposto, que não creio que seja necessário deter-me em provar isso[...] todavia, a eficácia depende do Espírito”*.

Para resumirmos, *“em quaisquer aspectos particulares da regeneração – o chamado, a conversão, o arrependimento ou a justificação pela fé – o pensamento e a linguagem de Calvino são cobertos pela*

Teodoro Beza (1519 a 1605) –
Sucessor de João Calvino no
pastorado da Igreja de Genebra.
Destacou-se como teólogo,
escritor e polemista, a serviço
da ortodoxia calvinista.



realidade do Espírito Santo”.

No que se refere aos sacramentos, diz-nos Calvino que é o Espírito Santo que tem a responsabilidade de penetrar nosso coração, mover nossos afetos e abrir a porta aos sacramentos, para que penetrem a nossa alma. E ele conclui de forma contundente, afirmando que *“os sacramentos de nada servem sem a virtude do Espírito Santo”*.

A Reforma trouxe uma série de benefícios para a vida da igreja. Dentre eles, o resgate da autoridade da Escritura para a compreensão da fé. A Bíblia é a nossa única regra de fé e prática.

Pois bem, para Calvino, as Escrituras, bem como todas as outras coisas devem estar sujeitas ao Espírito Santo, sendo que *“nem a palavra escrita nem a palavra proclamada têm qualquer poder ou persuasão sem a obra e testemunho secreto e interno do Espírito”*.

Esses são alguns dos campos de atuação do Espírito Santo, segundo João Calvino. Se nos detivermos no estudo aprofundado dos textos do reformador, com certeza, perceberemos a ação do Espírito

permeando toda a sua obra. Por ora, o que vimos já nos oferece segurança para concordarmos com a declaração de que Calvino é, de fato, “o teólogo do Espírito Santo!”

Diante do exposto, resta-nos, como Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, valorizar essa rica tradição, deslocando a influência que temos recebido (de valorizar apenas as manifestações sobrenaturais do Espírito Santo) para a perspectiva da ênfase integral na obra do Espírito Santo, como a vemos em Calvino.

Este é um desafio para uma igreja que se prepara para cruzar a fronteira de seu centenário. Que o Senhor nos ilumine nessa caminhada.

A Deus, pois, toda a glória!

O Rev. Roberto Mauro é pastor da IPI de Santo André, SP



Montagem do Século XVII – Estão aqui retratados os seguintes reformadores: Bucer, Hus, Melancthon, Van Praag, Lutero, Calvino, Beza, Wyclif e Matias Flácios Ilíricos (sentados, da esquerda para a direita), Bullinger, Vermigli, Knox, Zwinglio Zanchius, Perkins e Ecolampádio (em pé, da esquerda para a direita).

Calvino e a Igreja

Rev. Manoel Alves Guerra

Os reformadores redescobriram um tema bíblico fundamental: a graça de Deus. Pensando na obra que Calvino realizou na igreja de Genebra e com base na principal obra do reformador genebrino “As Institutas da Religião Cristã”, na magnífica versão de Cipriano de Valera, datada de 1597, queremos trabalhar alguns aspectos da doutrina da igreja relacionando-os a este tema central: a graça de Deus. Entendemos que este eixo pode fazer ressaltar a importância e atualidade do pensamento de Calvino com respeito à igreja. Vejamos então, embora resumidamente, alguns destes aspectos:

1. A graça de Deus renova a igreja

Em uma placa comemorativa da adoção da Reforma pela cidade de Genebra, datada de 1536, lia-se, conforme relata Vicente Themudo Lessa em sua obra “Calvino: Sua Vida e Sua Obra”, a seguinte inscrição:

“Em memória da graça que Deus nos fez de haver sacudido o jugo do Anticristo, abolido a superstição e recobrado a nossa liberdade”.

As afirmações desta placa dizem muito do estado em que estava a igreja de Genebra antes de Calvino, como aliás a igreja européia de maneira geral. Dizem muito também acerca do que estava no coração dos genebrinos: a certeza de que o verdadeiro autor das mudanças provocadas na cidade e na igreja era Deus e que toda honra e glória deveriam ser creditadas à atuação soberana de sua graça.

Esta percepção da atuação poderosa da graça de Deus irrompendo na vida das pessoas e nações qual onda irresistível pertencia a todos os reformadores. Esta perspectiva nova de encarar a vida religiosa contrapunha-se violentamente à perspectiva da teologia romana então vigente. Esta enfatizava o mérito, enquanto que os reformadores

enfaticavam a graça. A teologia romana, especialmente a dos franciscanos, caminhava na onda então levantada pela Renascença: a crença e exaltação dos poderes humanos, inclusive no que dizia respeito à sua salvação.

Henri Strohl, em seu livro “O Pensamento da Reforma”, diz que “o poder do homem, mesmo nas suas relações com Deus, era tão enaltecido que se tornava difícil dizer em que a graça era necessária para a salvação. Biel chegou a afirmar que a graça não passava de um ornamento que aprouve a Deus acrescentar às obras, meritórias em si mesmas. A teologia estava, assim, quase reduzida à antropologia” (Strohl, pág. 27).

Em contraposição às idéias humanistas, os reformadores defenderam com veemência a soberania absoluta da graça de Deus e nisto não cederam um passo sequer. Combateram os abusos, mas exaltaram sobretudo a graça misericordiosa de Deus. Assim, segundo o mesmo Strohl, “o que caracteriza a Reforma não é tanto o protesto contra abusos inveterados – protesto que se fazia ouvir por todo o século XV – mas a descoberta do Deus vivo, autor de toda graça e de todo dom perfeito. Os que foram agraciados pelo privilégio de serem arrebatados por Deus nunca atribuíram a si mesmos qualquer mérito. Sabiam-se envolvidos pelo mistério da misericórdia divina” (Strohl, pág. 28).

A placa acima mencionada reflete bem, pois, o que se passava na alma daqueles que em Genebra foram tocados pela misteriosa graça de Deus. A reforma naquela igreja foi grande, pois grande era também a degeneração na qual a igreja se encontrava.

Como fruto do ensino ministrado, a superstição e as crendices estavam arraigadas entre o povo. Fraudes e falsas relíquias eram usadas nas igrejas para estimular a crendice popular. Themudo Lessa comenta que, “entre as fraudes pias e falsas relíquias, então descobertas, estava um braço de Santo Antônio, muito milagroso. Verificou-se não ser um braço humano, mas uma canela de veado. As imagens que faziam ouvir a voz, por meio de tubos mecânicos, eram as de São de Nazário, São Pantaleão e São Celso” (Themudo Lessa, pág. 96).

Assim, a reforma da igreja em Genebra foi tanto dos costumes como da estrutura doutrinária e do funcionamento eclesiástico, instituindo-se uma nova forma de ser igreja. Uma confissão de fé devia ser assi-

nada por todos os cidadãos, afirmando os pontos principais da doutrina cristã. Calvino instituiu na igreja os ministérios dos pastores, dos professores, dos anciãos e dos diáconos, todos com funções claramente definidas. A moral e prática foram reavaliados e redirecionados. Com propriedade, pois, na placa referida constava a expressão “em memória da graça de Deus”. Os cidadãos de Genebra tinham consciência de que fora a graça de Deus quem renovara a vida de sua igreja e cidade.



Morte de Calvino – A pintura retrata a despedida de João Calvino formulou o desejo de ser sepultado numa tumba anônima.

2. A graça de Deus protege a igreja

Os dias da Reforma foram dias turbulentos. Em toda a Europa, a Igreja Romana organizava a contra-reforma. Forças poderosas avolumavam-se para fazer abortar o ímpeto reformista.

Neste contexto, Calvino teve uma palavra muito firme para dizer que a graça de Deus em Jesus Cristo jamais abandona a igreja e a protege sempre.

Escreveu Calvino: *“A finalidade consiste em saber que ainda que o Diabo faça todo o possível para destruir a graça de Jesus Cristo, e todos os inimigos de Deus conspirarem juntos e se esforcem nisto com uma fúria impetuosa, a graça de Jesus Cristo não pode sofrer derrota nem resultar estéril seu sangue, sem produzir fruto algum...Portanto, ainda que a horrível desolação que vemos por todas as partes dê a entender que tudo está destruído e que não subsiste a igreja, esteja-*



aos líderes da cidade de Genebra, em 27 de abril de 1564. Ele

mos certos de que a morte de Cristo é frutífera, que há de produzir seu efeito, e que Deus protege milagrosamente a sua igreja, segundo foi dito a Elias: 'Eu farei que permaneçam em Israel sete mil cujos joelhos não se dobraram ante Baal' (Institutas, páginas 804 e 805).

Vê-se claramente que a confiança de Calvino diante das adversidades então enfrentadas pela verdadeira igreja de Cristo não se fundamentava no poder humano. Fundamentava-se unicamente na graça viva de Deus revelada em Cristo Jesus, o qual criara a igreja e mantinha os fiéis na verdade.

3. A Graça de Deus alimenta a igreja

A graça de Deus não apenas reforma a igreja e a protege. A graça de Deus também a envolve, segundo o pensamento de Calvino, alimentando-a e continuamente gerando a fé.

Quais as formas concretas usadas pela graça para envolver a igreja, alimentando-a e aperfeiçoando-a?

Apontemos alguns destes chamados meios através dos quais a graça de Deus atua na igreja:

a) Ministérios da pregação e ensino

Diz Calvino que a igreja é cuidada e edificada por seus pastores e mestres. É Deus mesmo quem os envia à igreja, para aperfeiçoar os crentes, demonstrando assim o seu cuidado.

Segundo Calvino, a melhor forma de se destruir a igreja é desvirtu-

ar estes ministérios. Afirma ele: *“E do mesmo modo que não enviou (Deus) anjos ao povo antigo, mas ao invés suscitou-lhes mestres que fizessem de verdade entre eles o ofício de anjos, assim também agora Ele nos quer ensinar através de outros homens. E como então não se contentou apenas com a Lei, mas pôs sacerdotes como intérpretes da mesma, por cuja boca o povo conhecia o verdadeiro sentido da Lei, também agora, não apenas quer que cada um a leia atentamente em particular, mas também nos dá mestres e expositores os quais nos ajudam a entendê-la”* (Institutas, pág.707).

Assim os pastores e mestres são canais através dos quais a graça alimenta a igreja e *“todos os fiéis vêem quanto nos convém esta maneira familiar de ensinar-nos, já que seria impossível que não nos atemorizássemos demasiadamente se Deus nos falasse em sua majestade”* (Institutas, páginas 807 e 808).

b) Sacramentos

Se por meio da pregação e ensino a graça desperta a fé e aperfeiçoa os fiéis, os sacramentos são a demonstração, o sinal visível de que Deus está presente no meio do seu povo.

Escreve Calvino: *“Eis aqui como conheceremos a igreja visível: onde quer que vejamos pregar sinceramente a Palavra de Deus e administrar os sacramentos conforme instituídos por Jesus Cristo, não duvidemos de que há ali a Igreja; pois sua promessa não nos pode faltar: “onde estão dois ou três congregados em meu nome eu ali estarei no meio deles”* (Institutas, pág. 812).

Desta forma, os Sacramentos mostram claramente que Jesus está entre os seus, demonstrando mais uma vez seu amor eterno. E produz frutos: *“Porque é certo que a Palavra e os Sacramentos não podem existir sem produzir fruto”* (Institutas, pág. 812).

4. A igreja a serviço da graça de Deus

Se a graça de Deus renova a igreja, protege-a e a alimenta, Calvino tinha também clara noção de que a graça de Deus impulsiona a igreja para a missão. Assim como a graça chega à igreja, ela também a envia para o mundo, em serviço generoso e transformador.

André Biéler, professor de Teologia na Universidade de Genebra, em seu livro *“O Humanismo Social de Calvino”*, mostra que o

reformador genebrino desafiou a igreja de sua época a colocar-se a serviço da graça, sendo um instrumento para:

a) A superação dos antagonismos nacionais

Calvino sentiu na própria pele os males da exaltação perversa da raça ou da nação. Ele mesmo foi um estrangeiro em Genebra, pois era francês, e por isso trabalhou para que a Igreja de Genebra fosse um lugar acolhedor para o estrangeiro. Muitos encontraram ali refúgio e abrigo em meio às perseguições;

b) A superação dos males da desigualdade social

A igreja é comunhão espiritual, mas esta comunhão precisa manifestar-se no cuidado interpessoal e na comunicação de bens e serviços. *“Desta imperiosa necessidade é que nasceu na igreja a forte organização do diaconato, tipicamente calvinista. O diaconato é o órgão de redistribuição dos bens e dos serviços dos membros da comunidade entre si e para os de fora”* (Biéler, págs 23 e 24).

c) A manutenção da integridade do Estado

A ordem política para Calvino é uma instituição necessária para o bem da coletividade. Tem uma missão específica. Mas pode corromper-se, cabendo à igreja ser uma espécie de consciência do Estado, pois este, por si mesmo, não conhece a ordem de Deus.

Para nós, que vivemos em um país ainda marcado por profunda desigualdade social, pela discriminação racial e por manchas profundas de corrupção, é quase desnecessário apontar para a atualidade deste aspecto do pensamento de Calvino.

5. A graça de Deus e a unidade da igreja

Calvino tinha aguda consciência de que a graça de Deus reclama a demonstração visível do amor entre os cristãos. As circunstâncias levaram os calvinistas a formarem igrejas separadas de Roma. Calvino, porém, sempre lutou pela unidade da igreja.

Biéler diz que *“foi com imenso pesar que se viram obrigados a constituir igrejas separadas. E mesmo chegando a este extremo, nunca pensaram – Calvino particularmente – que formavam igrejas autônomas, definitivamente desligados do resto da cristandade”* (Biéler, pág. 81).

E, quando a separação com Roma foi inevitável, Calvino tentou,

de todas as formas, restaurar a unidade do protestantismo então dividido entre luteranos, zwinglianos, anglicanos e reformados. *“Convocado em 1552 por Cranmer, arcebispo de Cantuária, diz-se pronto a ‘atravessar dez mares se necessário’ para promover a unidade da igreja”* (Biéler, pág. 83).

Conclusão

Entendemos, pois, que a idéia da graça soberana de Deus deu um colorido todo especial à teologia de Calvino com respeito à igreja.

Na verdade, os reformadores tinham bem claro que tudo o que eram e tudo que lhes acontecia era produto da graça eterna de Deus, Senhor de toda a História. Assim deixaram claro que a graça renova a igreja, a graça protege a igreja da destruição, a graça alimenta a igreja e a mesma graça quer atingir todo o mundo, e para isto envia esta mesma igreja ao mundo.

Como herdeiros do pensamento e prática do grande reformador, é necessário que nossa prática e teologia sejam constantemente reformados à luz da Palavra, para que espelhem cada vez mais os propósitos de Deus para sua igreja e para sua criação.

Herdamos do reformador genebrino a perspectiva de ser uma igreja que busca reformar-se à luz das Escrituras, para melhor ser um instrumento nas mãos do *“Deus que quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade”*.

O mesmo Deus de Calvino nos ajude a continuar nesta perspectiva.

O Rev. Manoel é pastor da IPI de Vila Ipê, em Campinas, SP

Rev. Edson Alcantara

É muito interessante estudarmos nos dias atuais o que Calvino diz sobre o Estado. Nota-se, de forma nítida, a história do Estado tendo o domínio das ideologias (mesmo que de forma maquiada), quando usa de alguns mecanismos de seu interesse próprio: candidatos “religiosos” se auto-promovendo; reportagens mostrando a força de grupos religiosos, numa verdadeira linha de produção de políticos; e, por fim, uma pressão do governo do maior Estado da nação em implantar, sem critérios, o ensino religioso nas escolas públicas.

E nós, calvinistas, reformados, que posição tomamos? O que falar? O que dizer?

Creio que nunca se esperou tanto de nós um posicionamento como se espera hoje!

É a partir de tal contexto que afirmo ser interessante a leitura de Calvino nos nossos dias. Passo a levantar alguns pontos que marcaram a atuação do grande Reformador e que nos desafiam agora.

O papel da igreja diante das injustiças

Calvino tinha uma grande preocupação com o papel da igreja frente às injustiças praticadas por uma sociedade sem o referencial da vontade de Deus. No século XVI, os europeus tinham vários problemas de ordem social: muitos impostos, prostituição, analfabetismo, opressão no trabalho, etc.

No entender de Calvino, a grande causa da situação vigente era a ganância e a incredulidade.

Nas palavras de André Biéller, pastor e pesquisador francês, “a pregação do reformador é o prolongamento de sua ação”.

Entendemos que não dá para desassociar uma coisa da outra. Foi justamente conjugando a pregação com a ação que Calvino se mostrou definitivamente contrário à idéia da pobreza, mostrando que o cristão, quando pensa em sua vida espiritual, está assumindo sua par-

cela de responsabilidade para com a vida dele próprio e com a vida do seu próximo.

É bom mencionar que o Estado dominava a ação do clero naquele momento, contando com a ajuda dos magistrados e dos políticos. Mas Calvino, utilizando-se da teologia como instrumento da libertação, aponta para o exemplo de Cristo, que veio para os “cansados e oprimidos”.

A luta constante de Calvino era a de denunciar e mostrar sua contrariedade com os atos injustos do Estado, que tem o dever de cuidar dos interesses daquele que é desfavorecido. Ou seja, se o Estado tem o dever de garantir a propriedade privada, ele deve cuidar para que essa propriedade não seja constituída provocando a pobreza.

Ao mesmo tempo, Calvino ensinava aos cristãos a obediência às autoridades. Não é fácil obedecer a autoridades injustas e indignas. Calvino menciona tal dificuldade, quando analisa, nas Institutas, a antiguidade da corrupção e opressão dos governantes: *“podemos coligir quão antiga é a corrupção que reina ainda hoje desmedidamente na corte dos príncipes”*. Mas a Igreja não deve cessar de mostrar, apontar e orientar aos governantes de que maneira devem exercer as suas funções.

No entender de Calvino, o cristão não pode ser um revolucionário em seu aspecto totalmente radical, nem tão pouco um conservador em potencial, mas sempre buscar, com todas as suas forças, dar o sentido de vida nos relacionamentos da sociedade, sempre de acordo com a vontade de Deus.

Observe-se que todas as orientações de Calvino eram sempre firmadas em textos bíblicos e tratados teológicos.

A responsabilidade da igreja

As funções da igreja e do Estado são distintas. Ao Estado cabe oferecer a liberdade para que a igreja realize a sua missão: pregar a Palavra de Deus. À igreja cabe o papel de intercessão pelas autoridades, principalmente se elas forem hostis, para que seu comportamento seja modificado.

A estratégia utilizada por Calvino é muito interessante. Ele ensinou, com seus sermões, a orientação bíblica de ordem na sociedade:

“o homem foi criado por Deus para ser uma criatura em sociedade”.

Tudo o que Deus revelou na sua Palavra sobre a ação do ser humano na sua vida em sociedade é tema para a abordagem de Calvino. Foi com essa maneira de agir que Calvino denunciou as práticas injustas do Estado a serem reparadas.

O importante para Calvino é que a Igreja jamais deixe de observar as ações do Estado, para que nunca venha a tornar-se cúmplice da injustiça praticada por ele.

Conforme as idéias de Calvino foram sendo divulgadas e conhecidas, as ações da comunidade cristã foram tomando formas. O posicionamento reformado desencadeou modificações substanciais na vida em sociedade.

Várias foram as ações da igreja em favor de uma sociedade justa e harmoniosa na cidade de Genebra. Dentre elas, destacamos as seguintes:

a) A assistência médica, com o Estado assumindo a remuneração dos médicos – Isso veio resolver o problema da população carente, que não tinha condições de fazer um tratamento para as suas enfermidades;

b) Os refugiados eram recebidos e preparados para serem úteis



Academia de Genebra – Organizada por Calvino, tornou-se um dos grandes centros universitários da Europa, graças à adoção de princípios humanistas. Nela estudaram reformadores vindos de vários países europeus.

através de uma profissão – eles chegavam desnutridos e doentes e sem perspectivas de futuro;

c) Calvino e os pastores intercederam pelos trabalhadores que sofriram jornada de trabalho excessiva e salários indignos – a opressão e condições desumanas de trabalho, mereceram atenção especial de Calvino e seu grupo. Chegou mesmo a ocorrer, conforme relatos de historiadores, a demissão de um funcionário corrupto por influência de Calvino.

Vemos, nesta rápida análise da visão de Calvino sobre a relação entre a igreja e o Estado, que o relacionamento com os semelhantes, na vida em sociedade, é abordado sempre na perspectiva da ordem estabelecida por Deus. Trata-se de um entendimento do compromisso que Deus quer ver em cada um de nós. Calvino colocou como prioridade a mudança da realidade constatada pela igreja. Ele buscou estabelecer coerência entre a pregação e a ação.

A lição ideal

Iniciamos nossas palavras observando ser interessante ler Calvino nos nossos dias. Acredito que possa ter demonstrado aquilo que pensei.

Mas o que muda ou o que pode mudar em nós, quando verificamos a maneira de pensar de Calvino? Qual é o significado do pensamento social do reformador genebrino para a nossa realidade?

A verdade é que nós, os protestantes, devemos mostrar sinais de nossas raízes reformadas, numa proclamação com sinais de comprometimento e responsabilidade para com a nossa nação, tão deformada pela pressão exercida por políticos corruptos, homens e mulheres gananciosos e despreocupados com o sofrimento do seu povo.

O envolvimento e o engajamento nessa luta é a grande oportunidade do povo calvinista, reformado e protestante, em revelar-se uma igreja brasileira que vai mostrar, apontar, orientar e, principalmente, interceder para que nossos governantes encontrem o caminho para a solução de nossos problemas de acordo com o que aprendemos na Palavra de Deus.

Encerro estas linhas com o desafio contido nas palavras de André Biéler: *que “a nossa pregação seja o prolongamento de nossa atuação”.*

Caderno de O Estandarte

Publicação especial em comemoração ao aniversário da
Reforma Protestante do Século XVI



ASSESSORIA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

Rev. Gerson Correia de Lacerda (*relator*)

Rev. Josué Xavier

Rev. Eduardo Galasso Faria

Presb. Nilson Zanela

Alberto Klein

Diretor e Editor:

Rev. Gerson Correia de Lacerda

Revisão:

Rev. Gerson Correia de Lacerda

Jornalista responsável:

Dr. Uassyr Ferreira

Reg. MT 6220 - SJPESP 65381

Matr. Sind. nº 12763

Redação:

Rua Amaral Gurgel, 452 - Sobreloja

CEP 01221-000 - São Paulo-SP

Fone/fax: (011)3258-1422 / 3258-7967

E-mail: estandarte@jpiib.org

Expediente: 2ª a 6ª, das 9 às 18 hs.

Editora Pendão Real

Rev. Izaque Trindade

(*Gerente Administrativo*)

Sheila de Amorim Souza

(*Arte e Editoração Eletrônica*)

João Júnior Marques

(*Atendimento e Cadastro*)

Exemplar avulso: R\$ 3,00

Depósito no Bradesco

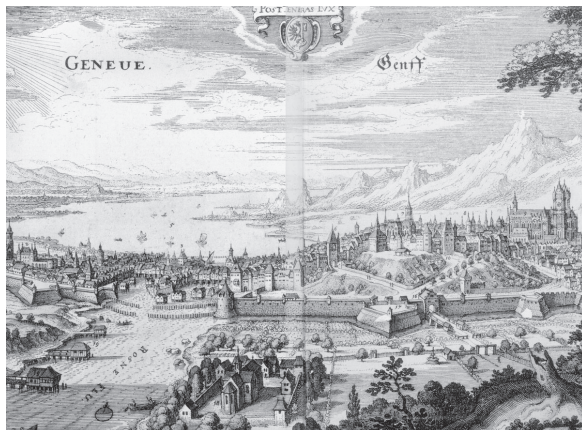
Agência 095-7 C/C 151.212-9

Ilustrações : Todas as ilustrações da presente edição foram extraídas da obra "L'AVENTURE DE LA RÉFORME - Le monde de Jean Calvin", publicada sob a direção de Pierre Chaunu (Paris, Hermé Desclée de Brouwer, 1986).

Tiragem: 4.000 exemplares.

Impressão: Gráfica Assahi (0_ _11) 4123-0455

Artigos assinados não representam necessariamente a opinião da IPI do Brasil, nem da própria direção do jornal. Matérias enviadas sem solicitação da Redação só serão publicadas a critério da diretoria. Os originais não são devolvidos.



Capa: Cidade de Genebra no século XVI, vendo-se o Lago Léman, também conhecido como Lago de Genebra (à esquerda) e a Catedral de São Pedro (à direita)

